



HAL
open science

Lonas e bandeiras em terras pernambucanas.

Benoît de L'Estoile, Sigaud Lygia

► **To cite this version:**

Benoît de L'Estoile, Sigaud Lygia. Lonas e bandeiras em terras pernambucanas.. Lonas e bandeiras em terras pernambucanas., 2003. halshs-03918754

HAL Id: halshs-03918754

<https://shs.hal.science/halshs-03918754>

Submitted on 2 Jan 2023

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



LONASEBANDEIRAS
EMTERRASPERNAMBUCANAS



LONASEBANDEIRAS EMTERRASPERNAMBUCANAS

curadoria **LYGIA SIGAUD** concepção **ANDRÉ WELLER**

AGOSTO – NOVEMBRO DE 2002



INTRODUÇÃO 5

Sobre a ocupação do espaço 7

Cana-de-açúcar: origem e evolução em poesia 10

UMA VIAGEM PRA PEGAR TERRA 15

Motivações 17

Ocupação 21

Entradas 27

Lonas e bandeiras 31

DEBAIXO DA LONA PRETA 35

Localização 37

Sobrevivência 39

Saídas 43

Despejo 45

Ataques 49

Destino dos acampamentos 53

Mamucaba, a espera 56

Imissão de posse 59

Assentamentos 65

VIDA MATERIAL 73

NA MARGEM DA TERRA PRETENDIDA 81

Camaçari 84

SINDICALISTAS E MILITANTES 87

ENGLISH VERSION 97



Recife
Rio Formoso
Tamandaré
Barreiros
São José da Coroa Grande



Vertical text on a dark panel, likely a list of names or titles, including 'LUIZ CARLOS DE ALBUQUERQUE'.



Vertical text on the far left edge of the image, including the name 'LUIZ CARLOS DE ALBUQUERQUE'.

Na década de 1990, começaram a multiplicar-se em terras pernambucanas aglomerações de barracas, constituídas de estruturas de madeira cobertas com lonas, quase sempre pretas, e dispostas nas proximidades de um mastro com uma bandeira. Eram acampamentos montados com o objetivo de conseguir do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) a desapropriação das terras e sua redistribuição entre os que deles tomavam parte. Estavam à frente de tais iniciativas organizações como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e sindicatos associados à Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Pernambuco (Fetape).

Em setembro de 1997, a equipe composta por professores e alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional; do Departamento de Ciências Sociais, da Ecole Normale Supérieure; e da Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (Paris) realizou uma pesquisa em Rio Formoso e Tamandaré, municípios vizinhos no litoral sul de Pernambuco, área de engenhos produtores de cana e de usinas de fabricação de açúcar. Naquela região, conhecida como zona canavieira, os engenhos são territórios cujo acesso é rigidamente regulado por seus donos: lá só ingressam os que obtiverem sua permissão.

Vimos então, pela primeira vez, os acampamentos. Como era possível que aquelas instalações, com suas lonas pretas e bandeiras, estivessem dentro dos engenhos, no território controlado pelos donos?

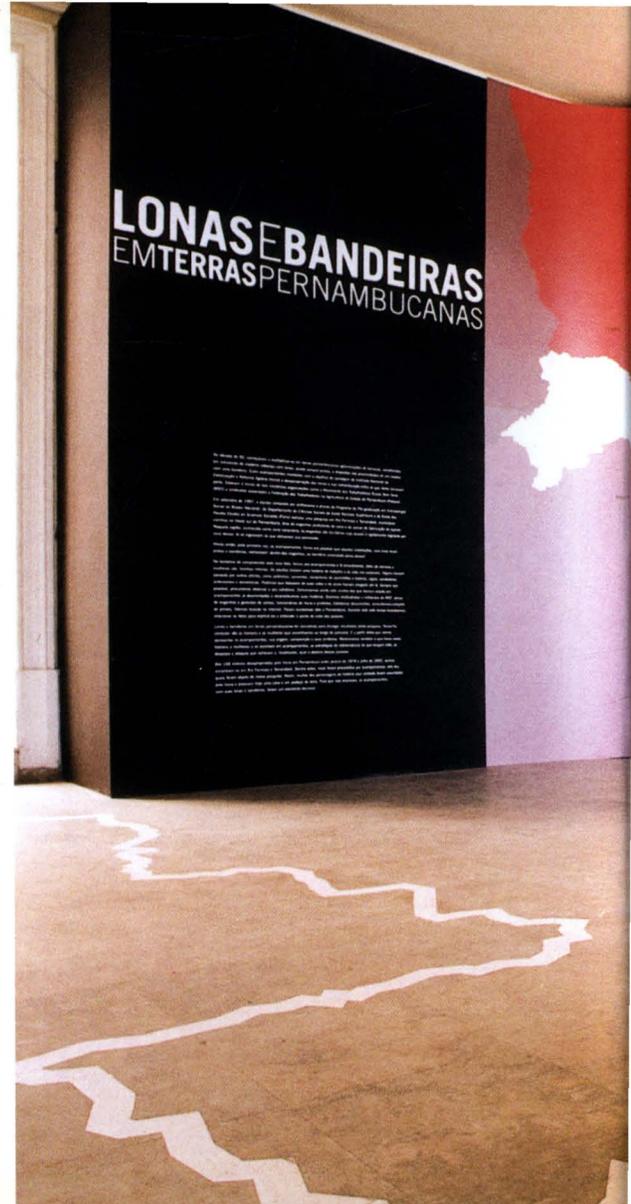
Na tentativa de compreender este novo fato, fomos aos acampamentos nos anos de 1997 e 1999 e lá encontramos, além de homens e mulheres sós, famílias inteiras. Os adultos tinham uma história de trabalho e de vida nos canaviais. Alguns haviam passado por outros ofícios, como pedreiros, serventes, condutores de caminhões e tratores, vigias, vendedores ambulantes e domésticas.

Pedimos que falassem de suas vidas e de como haviam chegado até lá. Sempre que possível, procuramos observar o seu cotidiano. Conversamos ainda com muitos dos que haviam estado em acampamentos já desmontados e reconstituímos suas histórias. Ouvimos sindicalistas e militantes do MST, donos de engenhos e gerentes de usinas, funcionários do Incra e prefeitos. Coletamos documentos, consultamos coleções de jornais, fizemos buscas na internet. Foram sucessivas idas a Pernambuco. Durante todo esse tempo buscávamos relacionar os fatos para explicá-los e entender o ponto de vista das pessoas.

Lonas e bandeiras em terras pernambucanas foi concebida para divulgar resultados dessa pesquisa. Nosso fio condutor são os homens e as mulheres que encontramos ao longo do percurso. É a partir deles que vamos apresentar os acampamentos, sua origem, composição e seus símbolos. Mostraremos também o que levou esses homens e mulheres a se reunirem em acampamentos, as estratégias de sobrevivência de que lançam mão, os despejos e ataques que sofreram e, finalmente, qual o destino dessas pessoas.

Dos 168 imóveis desapropriados pelo Incra em Pernambuco, entre janeiro de 1979 e julho de 2002, quinze encontram-se em Rio Formoso e Tamandaré. Dentre estes, treze foram precedidos por acampamentos, oito dos quais foram objeto de nossa pesquisa. Assim, muitos dos personagens da história aqui contada foram assentados pelo Incra e possuem hoje uma casa e um pedaço de terra. Para que isso ocorresse, os acampamentos, com suas lonas e bandeiras, foram um elemento decisivo.

LYGIA SIGAUD





Sobre a ocupação do espaço

Lonas e bandeiras coloca à mostra a pesquisa antropológica sobre as ocupações pernambucasas. Transposição para o espaço do museu: uma nova contextualização.

Como se dará esta ocupação?

Trazer o lugar distante, a realidade diversa, a riqueza de cada personagem a ser compartilhada com o público. Aproximações.

As lonas e as bandeiras definem as ocupações. Galhardetes e grandes reproduções fotográficas exibem rostos e paisagens. Objetos suspensos. Paredes pretas. Labirintos.

O público vai tecendo uma complexa rede de trajetórias. Acompanhando processos de ocupação do campo. Conectando fragmentos de uma nova história.

Depoimentos: vozes nos magnetizam. O processo descrito em suas ambigüidades. Acontecimentos narrados por seus personagens.

Uma barraca dentro do museu. A casa do imperador.

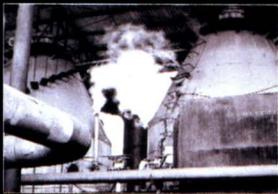
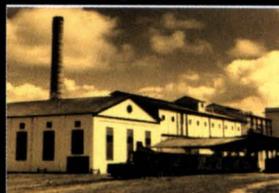
A transformação do espaço como uma forma de emancipação.

ANDRÉ WELLER

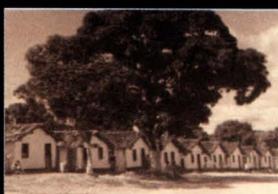
Cana de açúcar,
origem e evolução



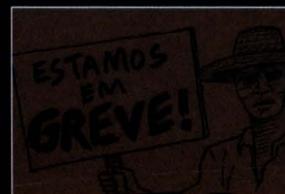
Cana de açúcar



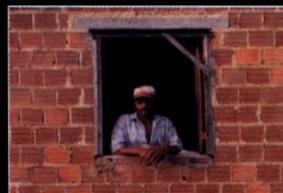
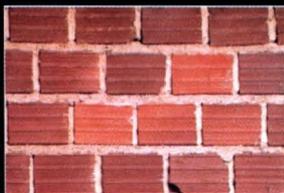
Trabalhador da cana



Organização dos
trabalhadores rurais



Acampamentos e assentamentos dos trabalhadores rurais



Pesquisa



Cana-de-açúcar: origem e evolução em poesia

Biu da Luz

1 Introdução

O Brasil foi dividido
em doze capitanias
A corte de Portugal
dividiu como queria
Pedaço de terra enorme
chamado de sesmaria

Os donatários da terra
receberam uma missão
Descobrir minas de ouro
e fazer boa produção
Foi aí que entrou a cana
produto de exportação

2 Cana-de-açúcar

Essa história vem de longe
desde a colonização
Foi a cana-de-açúcar
produto de exportação
De Pernambuco à Bahia
expandiu-se a plantação

Criaram os engenhos bangüês
em cada propriedade
Pra fazer açúcar bruto
e garantir quantidade
Já o mercado exigia
produtos de qualidade

O açúcar produzido
era da cana caiana
E também a demerara
outra semente bacana
Tudo isso produzido
nas terras pernambucas

Depois dos engenhos bangüês
foram criadas as usinas
Para fabricar açúcar
branco da cor de platina
Toda fábrica existente
tinha sua oficina

E a cana-de-açúcar
tinha preço garantido
Subsídio do governo
do que era produzido
E lá no exterior
o produto era vendido

Mais de sessenta usinas
implantadas no Estado
Todas produzindo açúcar
para vender no mercado
Quanto maior produção
maior é o resultado

Depois de um certo tempo
o subsídio acabou
Usineiro endividado
vida boa terminou
Teve usina de açúcar
que logo paralisou

Só um terço das usinas
hoje estão funcionando
Boa parte está no sul
outras estão se acabando
O setor canavieiro
tá se reestruturando

Com a modernização
nas usinas existentes
Alta mecanização
mercado muito exigente
Muito grande a produção
no trabalho pouca gente

3 Trabalhador da cana

Os índios foram expulsos
e suas terras tomadas
Para o plantio da cana
a terra foi preparada
Para isso utilizaram
mão-de-obra escravizada

Os escravos trabalhavam
sob as ordens do feitor
Era um trabalho pesado
sem ter nenhum defensor
Viviam escravizados
ninguém dava o seu valor

Lá no século dezenove
com a Lei da Abolição
Proibido comprar negro
pra botar na produção
Surgiu então o salário
trabalhador e patrão

Da escravidão passada
nasceu outra parecida
O trabalhador da cana
quase não mudou de vida
Trabalhava doze horas
para ganhar a comida

4 Organização dos trabalhadores rurais

Foi a partir de sessenta
que começou nossa história
Os mais antigos se lembram
tã gravado na memória
Foi aí que começou
toda nossa trajetória

Com coragem e união
o povo trabalhador
se uniu em sindicato
pra lutar por seu valor
Lutar contra a prepotência
do grupo de explorador

No ano sessenta e três
primeira greve geral
Na Mata de Pernambuco
parou o canavial
Sindicato e FETAPE
enfrentando marechal

Teve as Ligas Camponesas
que também tão na história
Sua luta em Pernambuco
tã gravada na memória
Tudo isso ajudou muito
também a nossa vitória

5 Acampamento/Assentamento dos trabalhadores rurais

Por isso os trabalhadores
do sítio e do pé de serra
usaram sua estratégia
para ver se desemperram
E pra não morrer de fome
decidiram ocupar terra

Fizeram acampamento
nos terrenos das usinas
que desempregaram o povo
e não pagaram patavina
Pra produzir alimento
o terreno é uma mina

Pra fazer acampamento
precisa disposição
Enfrentar a jagunçada
da polícia do patrão
E a polícia do Estado
também fazendo pressão

As conquistas obtidas
depois da luta travada
Diversas propriedades
foram desapropriadas
Aqueles que resistiram
hoje têm sua morada

6 Pesquisa

Pesquisa é ato sublime
de maior reputação
É um estudo adotado
para ter maior visão
Identifica os problemas
e sugere a solução

Assim se deu a pesquisa
na zona canavieira
Para fazer o trabalho
pesquisou-se até nas feiras
Nas horas de refeições
era comida caseira

Portanto os pesquisadores
levantaram a realidade
da cana-de-açúcar
e suas dificuldades
Da usina açucareira
e sua fragilidade

Pesquisou trabalhador
e sua escravidão
E levantou a história
de sua organização
E a retomada da luta
pela participação



MAMUCABA	747 HA
Tamandaré (A)	
Ocupação novembro de 1998	
Desapropriação ainda não houve	

BREJO	1149,5 HA
Tamandaré (A)	
Ocupação abril de 1997	
Desapropriação junho de 1998	

MATO GROSSO	874,7 HA
Rio Formoso (B)	
Ocupação maio de 1999	
Desapropriação julho de 2000	



MINGUITO	879 HA
Rio Formoso (B)	
Ocupação maio de 1997	
Desapropriação dezembro de 1997	

TENTÚGAL	2200 HA (estimativa)
São José da Coroa Grande (C)	
Ocupação novembro de 1998	
Desapropriação ainda não houve	

SERRA D'ÁGUA	705,6 HA
Rio Formoso (B)	
Ocupação maio de 1997	
Desapropriação dezembro de 1997	

SAUEZINHO	875,9 HA
Tamandaré (A)	
Ocupação maio de 1997	
Desapropriação julho de 1999	

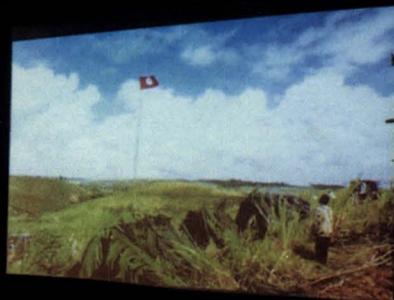
CIPÓ	444 HA
Tamandaré (A)	
Ocupação 1992	
Desapropriação dezembro de 1994	

MASCATINHO	805,7 HA
Tamandaré (A)	
Ocupação abril de 1997	
Desapropriação novembro de 1998	

SÃO JOÃO	328,7 HA
Tamandaré (A)	
Ocupação abril de 1996	
Desapropriação novembro de 1997	



UMA VIAGEM PARA PEGAR TERRA



Ocupações

Ocupações e atividades desenvolvidas durante a ocupação. O projeto de ocupação foi desenvolvido em parceria com a comunidade local, visando a melhoria das condições de vida e a geração de emprego e renda. A ocupação foi realizada em um terreno de 10 hectares, com a construção de 100 unidades habitacionais. O projeto também prevê a implantação de uma escola e um centro comunitário. A ocupação foi realizada em um terreno de 10 hectares, com a construção de 100 unidades habitacionais. O projeto também prevê a implantação de uma escola e um centro comunitário.

“Aí, eu fui demitido. Fiquei ruando. Sem emprego. Sem morada.”

Motivações

A maioria dos homens e mulheres que encontramos invocou a falta de trabalho para justificar a presença nos acampamentos. Em 1997, os sindicalistas estimavam haver 3.000 desempregados em Rio Formoso e Tamandaré. Os patrões estavam demitindo para reduzir os custos (caso da Usina Trapiche) ou por não ter como pagar os trabalhadores (caso da Usina Santo André). Em vários engenhos e usinas, a produção de cana tinha caído significativamente.

O corte dos subsídios e a privatização das exportações do açúcar decretados pelo Governo Federal no início dos anos 90 e uma seca prolongada tinham desencadeado uma crise na agroindústria canavieira.

Muitos foram para os acampamentos porque viram neles uma saída para a situação difícil em que se encontravam: uma saída não apenas para a falta de trabalho, como também para um casamento desfeito, para a perda da casa na grande enchente que houve em Rio Formoso em 1997. Outros eram movidos pelo desejo de ter uma vida melhor. O acampamento foi uma aposta que fizeram.

DALVINO

Foi quando vim pr'aqui, atrás de serviço, novamente. Fiquei aqui, bati, bati, bati, não arranjei serviço nas empresas, nas usinas, aí vinha embora de novo pro sertão. Mas foi tempo que um cara, um colega meu, aí disse: "vai pr'os sem-terra!" Aí eu vim pr'aqui [acampamento de Mamucaba].

entrevistado por David Fajolles, em setembro de 1999, no acampamento de Mamucaba.

DANIEL PEDRO

Aí, eu fui demitido. Fiquei ruando. Sem emprego. Sem morada. E sem comida. Aí fiquei à toa. Entendeu? Aí estava, o pessoal estava acampado em Mascate, mercado. E em Barreiros. Como é? Batalhando um dia de serviço, em canto nenhum deu. Aí vim parar aí em Mascate. Fui em Mascate, aí vieram os meninos; vinham aqui ocupar Brejo.

entrevistado por Lygia Sigaud, em setembro de 1997, no acampamento do Brejo.

APOLÔNIO

"Papai, o senhor ir a uma hora dessas?" Era meia-noite quando eu sai de casa: "companheiro, vamos fazer uma viagem?" Eu disse: vamos! E minha esposa disse: "Apolônio, você vai para onde?" Eu disse: vou ocupar terra; eu não posso cruzar os braços, já estou nessa idade, não acho mais um emprego para trabalhar, vou procurar terra, agora o único caminho é procurar terra.

entrevistado por Hernán Gómez e Frédéric Viguier, em setembro de 1999. Participou do acampamento de São João e lá tornou-se parceleiro.

ZINHO

E o Incra mandando a gente invadir a terra e nós invadindo, nós provamos que queremos mesmo conquistar aquele pedaço de terra...

entrevistado por David Fajolles, em setembro de 1999, no acampamento de Mamucaba.

SEVERINO

Estava fraco de serviço. E eu sou acostumado a trabalhar na agricultura, nessa zona de Barreiros, e eu vim. Eu vi pela televisão que os engenhos da Usina Central Barreiros estavam sendo ocupados pelo Movimento dos Sem-Terra, e lá estava difícil de arrumar serviço.

entrevistado por Sergio A. Chamorro Smircic e Richard Braga, em setembro de 1999. Participou do acampamento do Brejo e lá tornou-se parceiro.

AMARO SANTINO

Porque correu logo a notícia no rádio. Eu observei pelo rádio. Eu digo: o engenho Brejo está com problema no Incra. Chamando bastante gente. Ai também houve esse problema comigo lá. Ai eu digo, ah, agora eu também vou-me embora lá para o Incra.

entrevistado por Lygia Sigaud, em setembro de 1997, no acampamento do Brejo.

PALHAÇO

Eu estava em Rio Formoso. Eu morava em Rio Formoso, sabe? Num quarto em Rio Formoso. E a maré, quando enchia, [a casa] enchia d'água, sabe? Enchia d'água... Ai, eu achei fraco demais lá e hoje em dia vim pr'aqui pro sem-terra [acampamento de Mamucaba].

entrevistado por David Fajolles, em setembro de 1999, no acampamento de Mamucaba.



"Aí nós entramos numa Kombi e partimos no mundo."

Ocupação

Ocupar engenhos e neles montar acampamentos sempre foi uma decisão de organizações como o MST ou os sindicatos filiados à Fetape. Os engenhos escolhidos foram aqueles que produziam pouco, pois era maior a chance de serem considerados improdutivos pelo Incra, que só desapropria terras assim classificadas. Em quase todos, residiam trabalhadores que prestavam serviços ao dono.

As ocupações ocorreram após um trabalho de mobilização feito em bairros populares das pequenas cidades da mata pernambucana. Os sindicalistas arregimentaram sindicalizados e pessoas conhecidas do município. Já os militantes do MST reuniram pessoas de municípios diferentes.

Militantes e sindicalistas contaram que, antes das ocupações, fizeram pequenas reuniões para convidar as pessoas e motivá-las a “pegar terra”. Depois, marcavam um dia para virem apanhá-las. A Kombi era citada como o meio de transporte mais utilizado. Reunido o grupo, seguiam para o engenho, entravam e montavam o acampamento. O número de participantes do ato da ocupação variou bastante: 9 no engenho Brejo; 36 em Mato Grosso; 80 em Cipó; e mais de 100 em São João.

Estudamos casos nos quais não houve ocupação, isto é, em que os acampamentos foram montados pelos próprios moradores dos engenhos para conseguir a desapropriação, como ocorreu em Sauezinho, Saué Grande e Coqueiro (da Usina Santo André) e Tentúgal (da Usina Central Barreiros). Os três primeiros foram patrocinados pelo Sindicato de Tamandaré, e o quarto, em um primeiro momento, pelo Sindicato de São José da Coroa Grande e, depois, pelo MST.

TRAÍRA

Eu tava em Tamandaré, e aí um rapaz disse assim: “Traira, tu não queria pegar uma terra, tu não é doido pra pegar uma terra?” Por que não, onde é? Ele disse: “uê, tem um rapaz pegando os nomes pra ir pra um engenho. Aí, eu não sei onde é, mas é pra pegar terra”. Eu disse: bem, eu já vou agora. Aí parti, cheguei lá, o rapaz ia saindo, era um tal de Paulista, aí, eu não falei com ele já assim de saída. Ele foi e disse: “mas você... quarta-feira você vem que nós vamos fazer outra reunião”. Aí eu fui na quarta-feira. Eu não sabia o que era sem-terra, eu nunca tinha ido pra lá, aí ele disse: “nós vamos pra lá, nós ocupamos o engenho. Depois é repartido o engenho pra aquele povo que ocupou”. Sim, eu disse: tá certo. Aí, quando foi no dia, eu fui. Subimos num caminhão umas 4 horas da manhã, partimos. Chegou lá no engenho São Manuel, aí despejou lá o povo. Foi embora o caminhão, e nós ficamos lá. Eu fiquei no meio do mato, assim, e digo: meu Deus do céu, vou fazer o que aqui? O cara disse: “não tem que ter uma lona?” E eu digo: e eu tenho lona? Não sabia. A família ficou em Tamandaré. Aí, eu cheguei lá, eles me deram uma lona, eu fiz um barraquinho e fiquei dentro. Sim, eu tinha medo de trazer minha família para o meio do mato – naquele barraquinho de plástico até com o dedo o cara fura. Que dirá com um tiro, né? Teve um acampamento aí que atiraram nos caras, assim, todos lá dentro.

entrevistado por Alexandra Barbosa da Silva e Marie Gaille, em setembro de 1999.
Participou dos acampamentos de São Manuel e Cipó, onde tornou-se parceleiro.

GERÔNCIO

Eu estava na cidade, foi antes de ir no sindicato, e o povo disse: “Gerônimo, vão abrir um acampamento aí. Tu não vai invadir terra, não?”. Eu digo: rapaz, esse negócio de invadir terra, nunca invadi terra, mas eu vou assim mesmo. Foi o sindicato. Eu era do sindicato. Eu trabalho no campo, eu fazia parte do sindicato, que eu pagava sindicato. Então ele disse isso aí: “tu não está parado, Gerônimo? Vai fazer o que agora? Tu não tem terra, não tem onde morar, porque tem um terreno aí que vai ser para o governo, vai ser para o Incra, vai ser só para o Incra. Por que tu não vai para essa choça? Vai ser páreo bom, que é dívida que a usina deve ao banco”. Eu disse: sabe de uma coisa? Eu vou. “No que você for, você venha para cá que o carro vai sair daqui hoje”. Um dia de sábado à tarde. Eu digo: mas espera aí, a gente vai para lá ficar como? Lá dentro do mato? “Nós [do sindicato] damos a lona, nós damos a comida, eu quero perguntar se vocês vão, quem for, venha para cá. Agora, tragam ferramentas, tragam enxada, tragam uma vasilha para cozinhar, uma caçarola, um caldeirão velho e pode ir, uma foice. Pode vir aqui que o carro está aqui”. Foi, pegamos uma foice, um candeeiro, um candeeiro com gás, compramos gás e montamos no carro sem nem saber onde era esse Minguito. O carro encheu de gente e nós fomos para lá. Quando chegamos lá, fomos catando pau já quase de noite, fizemos um galpão grandão assim de lona, entrou todo mundo debaixo, depois veio um caminhão de comida que o prefeito mandou, dividiu para cada trabalhador, para cada pessoa um pouco de comida.

entrevistado por Benoit de L’Estoile, em setembro de 1999.
Participou do acampamento de Minguito, onde tornou-se parceleiro.

60

SONY TYPE I NORMAL REEL (2000 FJ)

EFX

CIP0, 170999 Genildo - 2 - (Fn)

SONY 200999 Seu Nivaldo Brio

SONY 210999 Admissão + Papais (CIP0)

SONY F. HER 18 FRH15.doc

SONY 1705 GENILDO 7999 seu KOURA (A) 999

SONY 1703 GENILDO 7999 CIP0

SONY 21/09 SONILSON 2 (99)

SONY 28/09 (99) Seu Reclamação

SONY 13/09 CA BEL WDO (99)

SONY F. HER 19

SONY F. HER 7 FRH1-9.doc

SONY F. HER 26 FRH2.3.doc

SONY 22 MENDES 1 (Arves 4.doc) Sergio A. 31

SONY SEVERINO 3 Sergio A. 35

DATE/TIME _____

USE REDUCTION ON OFF _____

DATE/TIME _____

USE REDUCTION ON OFF _____

B

15/01/1999 14 hrs

Interviu com: Anelli - São José

Inten: Polovic (Guanda da Rocha)

and U.S.A. made components
 assembled in Mexico by Sony
 Magnetic Products Inc. of America
 Corporation, Tokyo, Japan

2-477-691-01

SONY 20299 Seu Nivaldo de Azevedo, Luz Luz

SONY SEVERINO 1 Sergio A. 33
 ofeng, guimaraes, 15/01/1999

SONY 30999 Ze Bezaire, Luz Luz, Casa Grande

SONY CIP0 90999 Seu Bino Luz Luz

SONY CIP0 14/09/99 Traira + Selma

SONY CIP0 14/09/99 Fn 22ma Cassete n° 2

SONY 140999 TRAIRA 19 CIP0 12 Luz Luz, Genilda 1

SONY CIP0 210999 Admissão + Papais 22ma Cassete 1 Luz Luz

SONY SEVERINO 25 JDS P0.doc 15/01/1999 CAIDEPE Cassete n° 07

SONY 2010999 [2010999] [2010999] IVANEIDA Severina Luz Luz + Papais Luz Luz

SONY 22 MENDES 2 [Arves 2.doc] Sergio A. 33

SONY X-901

SONY

SONY 09

A Marcel Fontenelle (Arves 1) 15/01/1999



Seqüência da ocupação do engenho Baetés, município de Barreiros, ao sul de Tamandaré. A ocupação, organizada pelo MST, ocorreu em agosto de 1999.

Ocupação do engenho Baetés

“(…) as pessoas começaram fazendo uma primeira limpeza, que consistiu na retirada das plantas (capoeira e cana velha) do espaço no qual procederiam a construção das barracas; em seguida, várias pessoas se dirigiram até a mata à procura de madeiras e fibras vegetais para a montagem das armações. Depois de limpar o solo em profundidade para retirar desníveis e deixá-lo completamente horizontal, começaram a construir uma armação, fincando dois paus (de 2 a 2,5m de altura) na terra a uma distância que variava entre dois e três metros; sobre estes colocaram um travessão, formando assim a estrutura básica de sustentação. A seguir, amarraram uns paus no travessão, fazendo-os cair para ambos os lados deste. Sobre os paus colocaram outros paralelos ao travessão, formando a trama de uma cobertura a ‘duas águas’ (duplo declive). (...) Todos os paus são amarrados com fibras vegetais.

Para cobrir o teto, são usadas as lonas. Entre a armação de paus e a lona, ou por cima da lona, são colocadas como isolantes folhas de palmeira, palha de cana ou capim trançadas entre si e amarradas às madeiras. Na parte inferior das laterais, no caso das barracas de ‘pau a pique’, são deixados, com frequência, espaços cobertos com folhas de palmeira, de modo a permitir a ventilação. (...)

No interior das barracas, diversas pessoas construíram tarimbas com varas (a uns 50cm do solo); algumas fizeram também uma estrutura similar, para ser utilizada como mesa e para manter comestíveis e outros objetos afastados do chão. (...) Deixaram um espaço amplo no centro do terreno – como uma ‘praça’ – para a realização de assembléias. Nesse espaço foi colocado o mastro com a bandeira.”

SERGIO A. CHAMORRO SMIRCIC. *Com a cara e a coragem. Uma etnografia de uma ocupação de terras.* Dissertação de mestrado, UFRJ/MN/PPGAS, 2000, pp. 44-46.

MANUEL

No dia em que eles chegaram, chegaram de noite. Não viu, morador nenhum viu eles chegarem. E quando amanheceu o dia, que a gente acordou, eles já estavam todos fazendo a barraca e se colocando dentro. E eles ainda tiveram uma boa educação, chamaram a gente lá, conversaram com a gente e disseram: “bem, menino, isso aqui... vocês sabem que o patrão de vocês, vocês não têm mais patrão, e também o patrão de vocês não tem condições de dar serviços a vocês. Vocês vão morrer de fome, e seria melhor a gente se juntar, se unir, para que o Inca venha desapropriar isso aqui. Melhor do que morrer de fome, porque a gente plantando, arrumando o que comer, não morre de fome”. Aí, chegou com umas boas frases e nos unimos com eles. O sindicato também veio com eles, também contando as mesmas histórias.

morador do engenho São João, entrevistado por Hernán Gómez e Frédéric Viguier, em setembro de 1999.



“Olha, você vá para ali, o acampamento é bem ali assim...”
E mostrou, “tem um pessoal dos sem-terra, vê logo uma bandeira vermelha, e você conversa lá e você fica.”

Entradas

Muitas pessoas entraram no acampamento após a ocupação. Souberam dele pelo rádio ou pela televisão ou ainda por conhecidos. Conforme nos contaram, foram até o acampamento, perguntaram se havia vaga, pediram permissão para ficar e montaram a barraca.

Quase sempre foram os homens que entraram; as famílias vieram depois. Encontramos também outras situações: indivíduos sós, como é o caso de Palmares, que entrou em Mamucaba após se perder do grupo com o qual havia viajado para trabalhar na construção civil; e grupos, como aquele de 37 parentes liderados por Severino e que se instalou no Brejo.

Coletamos muitas histórias daqueles que participaram do ato de ocupação ou entraram mais tarde nos acampamentos. Vamos reproduzir aqui excertos de uma delas, a de José Menezes, que nos contou sua trajetória e o momento em que decidiu participar de uma ocupação.

José Menezes

JOSÉ MENEZES

Qual foi o objetivo meu? Partir para a terra. Que a terra é onde eu vou encontrar, onde eu vou tirar a minha subsistência para eu alimentar a minha família e a mim. Com dinheiro ou sem dinheiro, trabalho um dia daqui para ali e vou trabalhar o resto na terra. Vou lá um dia; essa terra vai me dar alguma coisa, vai me dar o que comer. Eu espero que um dia eu tenha alguma coisa, antes de morrer, tirada da terra, com o suor do meu rosto, meu esforço, lá na terra. E da terra eu não saio. É na terra aonde eu vou me enterrar. Eu sou do Movimento dos Sem Terra e não saio não, de jeito nenhum. E o engenho é o engenho Brejo. Minha parcela é em Brejo. O resultado da minha vida foi esse.

Entrevistado por Sergio A. Chamorro Smircic e Richard Braga em setembro de 1999. Participou do acampamento do engenho Brejo e tornou-se parceleiro neste mesmo engenho.



FREE TRADE

DOS TRABALHADORES RURAIS



Lonas e bandeiras

Quando as pessoas iam para os acampamentos, levavam objetos que possuíam, como foice, enxada, candeeiro, colchonete e panelas. A lona para cobrir o telhado das barracas era coisa à parte. Ou os organizadores (sindicatos, Fetape ou MST) a forneciam, no dia da ocupação do engenho, ou era providenciada pela própria pessoa quando da entrada posterior. Prefeitos, vereadores, padres e o Incra ajudavam na obtenção da lona.

Nas primeiras ocupações havia apenas as bandeiras vermelhas do MST. Depois os sindicatos começaram a fazer as suas próprias e, mais recentemente, a Fetape também fez a sua bandeira. Elas indicavam quem havia organizado o acampamento.

Já em 1997, a lona e a bandeira chamaram a nossa atenção: nós as vimos em todos os acampamentos e havia referência a elas em quase todos os relatos. À medida que a pesquisa avançou, percebemos que eram indispensáveis para fazer da aglomeração de barracas um acampamento: as lonas e as bandeiras lhes conferiam uma marca.

“Minha morada era aquela lona preta ali.”

DANIEL PEDRO

Casa eu não tenho. Eu já falei que eu sou sem-casa. Não tinha casa, nem comida. Que morada é casa, não é? Nem comida, nem terra. Aí foi quando eu vim parar aqui. Minha morada era aquela lona preta ali.

entrevistado por Lygia Sigaud, em setembro de 1997, no acampamento Brejo.

“Essa bandeira vermelha, onde ela é botada, é vencido o lugar. Ainda não vi botar ela para não vencer.”

TADEU

[Quem faz a bandeira] é o sindicato mesmo, os meninos de lá. Ou a gente faz aqui mesmo. Como a numeração vem de lá, a gente compra o pano e manda fazer a numeração. Que aqui é o seguinte: a bandeira é o pano, é só costurar o pano. A gente compra o pano e só é o rapaz que pinta, e bota o emblema, a numeração. Agora, dessa vez, no congresso passado, que houve agora, nós compramos bandeira na Fetape. Compramos a bandeira já completa. Para os próprios acampamentos. Tem na Fetape. Porque a reunião que a gente tinha, a gente discutia. Porque todo sindicato se interessava em fazer acampamento, aí comprava a bandeira....

(...)

[O mastro da bandeira] é uma imbaúba.

– Subiram no pé de pau e amarraram.

– Que era bem alto, de longe se avistando [o mastro e a bandeira no acampamento Mato Grosso].

Tesoureiro do sindicato de Rio Formoso, e trabalhadores do engenho Pedra de Amolar entrevistados por Lygia Sigaud e Sergio A. Chamorro Smircic, em setembro de 1999.

DEBAIXO DA LONA PRETA



“A gente sempre procura um lugar mais alto para fazer o acampamento. De preferência que nenhuma estrada chegue até nós.”

Localização

Todos os acampamentos se assemelhavam na forma. Eram constituídos com os mesmos materiais, situados em localizações semelhantes, com suas barracas alinhadas de modo a formar ruas. Havia uma divisão do trabalho organizada por meio de comissões, que cuidavam da segurança, da saúde, da alimentação etc. Todos dispunham de lavouras logo após a ocupação.

“Os acampamentos estão sempre localizados em elevações, próximas da mata e perto de algum curso d’água. (...) A vegetação fornece a madeira para a construção das barracas e lenha. Além disso, a mata constitui-se numa rota de fuga perante possíveis ataques e serve, também, de banheiro. O lugar do acampamento deve ser alto, de forma a propiciar boa visibilidade e dispor de caminhos de acesso desimpedidos (...)”

**Acampamento Serra d’Água,
setembro de 1999.**

SERGIO A. CHAMORRO SMIRCIC, *Com a cara e a coragem. Uma etnografia de uma ocupação de terras.*
Dissertação de mestrado, UFRJ/MN/PPGAS, 2000, pp. 42-44.



Distribuição de cesta básica em Mascatinho, 1999 (vídeo)

Sobrevivência

A entrada em um acampamento não implicava interrupção de atividades destinadas à sobrevivência da família. Muitos continuavam a trabalhar nos canaviais, a fazer biscates na construção civil, a ser vigias, a atuar como vendedores ambulantes, a catar caranguejos nos mangues etc. Uma vez acampados, podiam ter acesso a outros recursos: aos alimentos da cesta básica enviada pelo Governo Federal; às doações de comerciantes, prefeitos e padres; ao dinheiro arrecadado em pedágios cobrados nas estradas.

ANANIAS

O que eu fazia? Eu saía daqui, trabalhava três dias aqui, ia para Tamandaré. De lá ia para o mangue, arrumava o dinheiro da família para fazer uma feirazinha. Ai voltava de novo, começava a trabalhar aqui e quando chegava no final de semana ia para lá, pegava caranguejo. Era lá e cá. Fazia umas manivas lá, que aqui não tinha, umas manivinhas de macaxeira e mandioca, plantava na terra, que aqui não tinha, não é?! Naquela época não tinha... Era o maior sufoco para a gente plantar. Eu trazia de lá para cá uns molhos de manivas para plantar, mas se não fosse isso a gente não tinha.*

entrevistado por Hernán Gómez e Frédéric Viguier, em setembro de 1999.
Participou do acampamento no engenho São João e lá tornou-se parceleiro.
* designa o pedaço da mandioca utilizado como semente

MARIA

Mas na época da moagem teve gente, bastante gente saía [do acampamento de Minguito] para trabalhar. Mas porque foi liberado pelo próprio sindicato. Aquelas pessoas, porque a feira (cesta básica) era para sustentar as pessoas que estavam lá: pessoas que tinham de 10 a 12 filhos em casa, aquela feira não ia dar (...). Ai, aquelas pessoas... tinha umas pessoas que eram da usina do Cucuá que ainda moravam na casa da usina, tinham direito a trabalhar na época da moagem para não perder a casa porque, se tivesse perdido a casa, ia morar onde? (...) Ai, liberava para essas pessoas trabalhar. Agora, quando era no sábado ou domingo ia, vinha, passava o dia lá. No domingo mesmo uns voltavam para trabalhar, outros vinham na segunda. Foi liberado por conta do sindicato mesmo.

entrevistada por Benoît de L'Estoile, em setembro de 1999.
Participou do acampamento no engenho Minguito e tornou-se parceleira nesse engenho.

BASTIÃO

Eu sou aposentado pelo Fundo Rural. Ganho um salário de 130. E o acampamento daqui não está no meu nome, mas no de minha mulher. Dizem que aposentado não tem direito a pegar terra. Mas eu, como tenho disposição pra trabalhar, gosto de trabalhar, aí botei no nome da mulher (...) Plantei aqui, logo essa parte aqui, tem aqui farinha. Plantei outra parte ali embaixo. Tenho umas 15 contas de lavoura: milho, feijão, macaxeira, jerimum, melancia, verdura.*

entrevistado por David Fajolles, em setembro de 1999, no acampamento de Mamucaba.
* medida de área

CESTA BÁSICA

“O Governo sustentou a gente com a cesta básica.”

Quando tinha uma reunião, eu ia para lá, passava o dia lá por dentro, por Minguito. Ganhava a cesta básica do Incra, ela dava uma cestinha básica à gente (...) Eu ganhava duas cestas básicas por mês. (...) A cesta básica nós recebemos ainda um ano e seis meses, recebemos a cesta básica ainda do Governo, direto. O Governo sustentou a gente com a cesta básica. Vinha feijão, eram cinco quilos de feijão, cinco quilos de fuba, cinco quilos de macarrão, dez quilos de arroz, um quilo de sal. Só isso mesmo.

GERÔNIO, entrevistado por Benoît de L'Estoile, em setembro de 1999.
Participou do acampamento no engenho Minguito e lá tornou-se parceleiro.

PEDÁGIO

“Reunia pra ir fazer o que eles chamam pedágio, pra pedir nas rodagens.”

Reunia pra, vamos dizer, pra ir fazer o que eles chamam pedágio, pra pedir nas rodagens, botar aquelas faixas, ficar pedindo. Uns dão um real, outros não dão nada (...) outros até que agradam, chegam lá, não dão um real, dão cinco. Dizem: “Se eu tivesse mais trocado dava mais”. Mas tem gente que passa [e diz]: “Lote de ladrão, filha da puta!”, aí vai embora, se ficar na frente passa por cima. (...) Eu fiz, mas eu só fui duas vezes. Não deu pra mim não, eu digo: Mas rapaz, pra eu andar pedindo não dá não (...). Acostumado a trabalhar pra me manter, eu não gosto não.

TRAÍRA, entrevistado por Alexandra Barbosa da Silva e Marie Gaille, em setembro de 1999. Participou do acampamento de Cipó e lá tornou-se parceiro.



Pedágio na estrada de Tamandaré, 1999 (vídeo)

PEDIDOS NO COMÉRCIO

“Ficamos gratos com os que colaborarem.”

De primeira, logo no começo, o sindicato dava [ajuda], mas depois o sindicato não pôde mais. Aí (...) a gente pegava uma nota e saía (...) Era um papel escrito falando da condição de vida do acampamento, para mostrar nos supermercados, lojas, para o pessoal ler e ajudar.

Nós, trabalhadores rurais, acampados no engenho São João, localizado no município de Tamandaré, estamos solicitando de todos que possam nos ajudar com qualquer tipo de contribuição, visto que estamos com tantas famílias que estão na mais grave situação de miséria, sem as mínimas condições de sobrevivência, esperando tão somente pela imissão de posse das terras para podermos, enfim, nos assegurar da libertação e viver dignamente com esse fim. Ficamos gratos com os que colaborarem.

JOSÉ COSTA, entrevistado por Hernán Gómez e Frédéric Viguier, em setembro de 1999. Participou do acampamento no engenho São João e tornou-se parceiro nesse engenho.

AJUDA DO PREFEITO

“Às vezes dava até trezentos e vinte reais.”

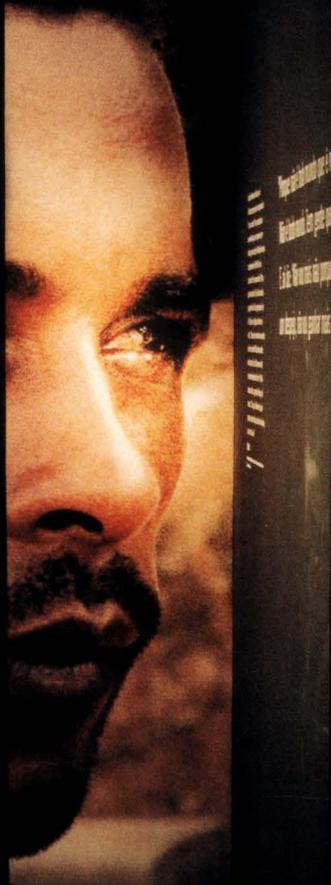
[Tinha ajuda da Prefeitura] de Rio Formoso. De Tamandaré não ajudou com nada, nós iam lá, mas eles não davam nada. Agora, outros municípios ajudavam, ainda ajudam, às vezes o camarada vai lá e ainda dá (...). Eles [de Rio Formoso] passavam um vale e mandavam comprar lá no barracão encostado no posto de gasolina. Às vezes dava até trezentos e vinte reais.*

JOSÉ COSTA, entrevistado por Hernán Gómez e Frédéric Viguier, em setembro de 1999. Participou do acampamento no engenho São João e lá tornou-se parceiro.

* armazém

Saídas

...os requisitos, os trabalhadores
...os acampamentos. Ao serem
...os, por serem obtido um
...os, como foi o caso de Patrício
...os. Desencantados
...os, medo de um ataque,
...os e perda da esperança man-
...os, muitas apontadas para os
...os. Têm também recusas de
...os de saída de um acampamento
...os, determinado momento e que
...os entrado algum tempo depois.



ZINHO

Aqui [em Mamucaba] não, aqui é diferente, porque aqui se uma pessoa diz: "eu vou embora!" Ai, se aquela pessoa quer voltar depois, se arrepende e quer voltar, a gente aceita, né? Mas lá [em outros acampamentos] é difícil! Lá é mais complicado. Se a pessoa disser: "olha, a gente vai embora". Ai, ele dá o conselho pra gente não ir. Se a gente quiser ir, ele diz: "quer ir, vá, agora, não tem mais volta..." Quer dizer, não tenho essa vontade de voltar, entende? Não tenho vontade de voltar pra lá, não. Mas se eu voltar, provavelmente eles vão dizer: "Você foi embora, então... agora que fique pra lá mesmo..." Já aqui, é diferente, aqui as pessoas parece até que são mais humildes, um com outro, né?

entrevistado por David Fajolles, em setembro de 1999, no acampamento de Mamucaba.

GERÔNCIO

Sim, tinha muito mais! Tinha mais de cento e cinquenta pessoas [no acampamento de Minguito]. Porque foram desistindo, com medo. Porque [ouvia] direto pelo rádio: "teve um tiroteio dos sem-terra, mataram dois, três." Ai o povo com medo. E eu também cismado, né, eu digo assim: "rapaz..." Eu dormia muito pouco, pensando de vir a polícia assim, dar um tiroteio e matar a gente. E a pessoa no meio imagina o quê?

entrevistado por Benoît de L'Estoile, em setembro de 1999.

Participou do acampamento no engenho Minguito e lá tornou-se parceleiro.

“Porque não é todo mundo que é resistente. Não é todo mundo. Tem gente que desiste. E aí diz: ‘Não vou mais não porque ganhei um despejo, não vou ganhar mais terra’.”

Saídas

Com frequência, os trabalhadores deixavam os acampamentos. Às vezes o faziam por terem obtido um trabalho, como foi o caso de Palhaço, de Mamucaba. Desentendimentos com vizinhos, medo de um ataque, desânimo e perda da esperança eram outras razões apontadas para as saídas. Eram também recorrentes os casos de saída de um acampamento em um determinado momento e uma nova entrada algum tempo depois.

oidas

freguesia, os trabalhadores
vires no dia 20 de maio. As
sem por terem estado um
lho, como foi o caso de Palleço,
comunicado. Desempenharam-se
vários, mas de um modo,
simo e por da esperança eram
razões apontadas para as
e. Eram também momentos de
de saída de um acampamento
em determinado momento e uma
entrada algum tempo depois.

7-10-1974

*Mandou queimar a bandeira, mas eu não deixei. Mandou a polícia



Despejo

Quase todos os acampamentos que estudamos sofreram ações de despejo. Após a ocupação, os donos dos engenhos entraram na Justiça com uma ação de reintegração de posse. Os juizes os atenderam e deram ordem de despejo executada por oficiais de justiça acompanhados por policiais. Os trabalhadores, então, deixaram para trás suas barracas e ferramentas e saíram com os objetos de uso pessoal e a lona.

“Mandou queimar a bandeira, mas eu não deixei.
Mandou a polícia tocar fogo nos barracos, eu não deixei.”

Despejo

Quase todos os acampamentos que estudamos sofreram ações de despejo. Após a ocupação, os donos dos engenhos entraram na Justiça com uma ação de reintegração de posse. Os juízes os atenderam e deram ordem de despejo executada por oficiais de justiça acompanhados por policiais. Os trabalhadores, então, deixaram para trás suas barracas e lavouras e saíram com os objetos de uso pessoal e a lona.

MÁRIO

Levamos muito despejo [em Cipó], levamos seis despejos. Assim, vai pr'um canto, vai pra outro canto. Botava os negócios na cabeça, descia por dentro do mato. "Vamos sair daqui, vamos pra outro canto, vamos embora" (...). A policia vinha, botava a gente pra correr, a gente ia pr'um canto... [pensava] "nesse canto eles não vêm não". Vinha de novo (...). Gente tudo armada.

entrevistado por Alexandra Barbosa da Silva e Marie Gaille, em setembro de 1999.
Participou do acampamento de Cipó e lá tornou-se parceiro.

BEZERRA

Sim, quando chegou aqui [em Cipó], com dois dias que estávamos aqui, a policia expulsou a gente. So não fez espancar ninguém, não é? Vieram seis policiais. A primeira vez vieram seis. Da outra vez vieram dez. Vieram com o dono, um dono bravo, botamos a criançada na frente, as mulheres, sentamos pra conversar com eles. Ai deram o despejo.

entrevistado por Alexandra Barbosa da Silva e Marie Gaille, em setembro de 1999.
Participou do acampamento de Cipó e lá tornou-se parceiro.

PALHAÇO

O despejo [em Mamucaba]: a gente chegou, mandaram o cabra assinar um papel lá. Assinou o papel. Depois que assinou o papel, tiraram as barracas e tocaram fogo nas barracas. Foi um negócio de dez horas, umas dez horas mais ou menos para dez e meia do dia. Tinha 63 policiais no dia do despejo. Veio um ônibus e também uns carros pequenos carregados de policiais abrindo a pista. Eles subiram, vieram aí, todos armados. Mandaram a gente tirar os negócios da gente tudinho. Tiramos as crianças, tiramos os negócios...

entrevistado por David Fajolles, em setembro de 1999, no acampamento de Mamucaba.

JOSÉ MENEZES

[No acampamento de] Frescondinho, com seis dias teve o despejo. Com pistoleiros da usina e policia. Três batalhões. Foram três batalhões de policia, fizeram três esquadras de policia no meio da rodagem e ainda vinha um caminhão de pistoleiros da Usina Estreliana, já vinha um caminhão de policia da Usina Estreliana, como é que se diz, de pistoleiros. Mas, nesse dia que vieram, o pessoal estava tudo no Incra negociando e só quem estava em casa foi eu, ela [a mulher], uns velhotes que ficaram. E eu fui quem enfrentei tudo, fui negociar com o juiz. E o juiz não quis negociação. Mandou queimar a bandeira, mas eu não deixei. Mandou a policia tocar fogo nos barracos, eu não deixei. Então tombamos as coisas do pessoal todinho para os caminhões deles, que a gente não gosta de andar em caminhão de policia de despejo, tem que andar nos nossos mesmo: pede, aluga, ajeita com os prefeitos, mas não gostamos de policia para estar pedindo caminhão.

entrevistado por Sergio A. Chamorro Smircic e Richard Braga, em setembro de 1999.



Despejo no acampamento de Mascatinho, 1997 (vídeo)

CERTIFICO, para os devidos fins que e o seguinte o termo da QUEIXA Nº 113/99, lavrada em livro próprio.

Às 10:00hs de hoje 18/03/99, compareceu nesta DEPOL, o Sr. GENILDO SABINO RODRIGUES, 38 anos, folho de Natálicio Sabino Rodrigues e Maria José da Silva, natural de Rio Formoso, RG nº 2.469.691 SSP-PE. QUEIXANDO-SE que no dia 17/03/99 às 16:00hs encontrava-se no seu sítio, no Engenho São Grande, quando apareceu o Sr. Lúcio Pedroza, acompanhado do seguinte capanga, Genival Coito e os dois armados de revólver, apontando uma arma "Gino", foi quando seu Lúcio Pedroza com uma máquina fotográfica tirou tres fotos do queixoso, uja do seu genitor e uma da casa, não sabendo a intenção do acusado, sentindo-se ameaçado por que o acusado falou que voltaria um dia ou dois depois para derrubar a casa. Era o que continha o original dou fé eu Escrivão que datilografarei.

Tamandaré 18 de março de 1999

SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA CIVIL

“A arma nossa era só ferramenta.”

Ataques

Nem sempre os donos de terras recorreram à Justiça para recuperá-las. Alguns preferiram se valer de suas milícias privadas. Mandavam seus capangas fortemente armados aos acampamentos para desalojar trabalhadores e desmontar instalações. Nos ataques aos engenhos Mascatinho (1997) e Mato Grosso (1999), houve feridos. No engenho Mamucaba (1999), as barracas foram incendiadas. A polícia interveio durante o ataque ao acampamento do Brejo (1997) e prendeu os capangas, que se identificaram como empregados da Usina Central Barreiros incumbidos da defesa do patrimônio da empresa. Na noite do mesmo dia, o juiz ordenou a soltura dos homens da usina. Nos trechos dos depoimentos aqui transcritos, trabalhadores relatam os fatos que presenciaram ou que lhes foram narrados.

Ataque ao acampamento de Mato Grosso

– Mas quando foi de manhã, de manhã de terça, do belo dia que aconteceu o fato, chegaram o administrador e o dono do engenho...

– O fiscal, não é?

– ... o fiscal do engenho. Ai chegaram eles dois e perguntaram qual era a ordem. Eu disse: nós aqui estamos esperando as ordens da Fetape, do Incra, que é o povo que toma sempre conta da gente. Então, quando foi de 3 e meia para 4 da tarde, nós ouvimos uma zoadá de máquina, de caminhão, e lá vem se aproximando para o nosso acampamento onde estávamos, tudo ali com sentido. Então, naquele momento que eles foram encostando, eles foram parando com uma boa distância, não se aproximaram muito à frente. Ai foram. Naquele momento em que eles pararam, foram muitos homens, não eram só 30 homens, nem 40, eram pra mais de 60 homens, todos fortemente armados. Tudo armado. Então, acionaram os fogos, eles acionaram fogos. E a gente ali tudo, sem querer desocupar, que ninguém tinha má intenção. Então, eles ai mandaram fogo e, no meio do troteio, dos fogos, da zoadá dos fogos, mandaram bala. Eu mesmo percebi que era bala, quando eu percebi que era bala já vi dois tiros parados numa macaibeira que tinha dentro do acampamento. Ai saí abaixado pelo chão. Fui embora, desocupeí, mas quando eu cheguei com um, umas 15 braças, já encontrei o sanguero na estrada: um companheiro já baleado. Já baleado, eu pisando no sangue do companheiro. Ai, ficou alguém ainda por trás. Ai, nessa hora eu fiquei um pouco meio pesado, porque já vinha pisando em sangue. Ai, quando eu penso que estou despreocupado, já vinha me deslocando para o meu local, cada um se deslocando para o seu lar, para suas casas, eles tangeram a gente, desmancharam o acampamento com as máquinas, não é?

A gente pensando que estava tudo em paz. Ai apareceu um grupo de cavaleiros nos seguindo –, nós que vinhamos na estrada, cada um com as suas coisinhas na cabeça, nos sacos, nas costas e correndo. Correndo e se deslocando para casa. Ai, eles perseguiram a gente a cavalo por mais de três quilômetros nas estradas, atirando do jeito que podiam. A ganância era tanta de atirar, era para matar mesmo. A ganância era tanta que o camarada caiu no mato e ali ia embora, fugir de qualquer jeito para não morrer. Quer dizer que da minha parte isso foi o que eu vi lá, foi uma coisa triste, horrível, um negócio que eu acho que não podia acontecer uma coisa daquela. Eu fiquei ali, fiquei traumatizado com o que aconteceu, com o que eu vi lá.

– Ai quando foi umas 3 e meia para 4 horas, como ele disse, vimos a zoadá da máquina mesmo e a gente ai ficou na merda. Ai, quando eles começaram com fogos mesmo, como ele falou, que eram fogos e tiros de 12, tiro de espingarda, negócio que dava tiro bem forte. Ai quando chegaram perto, a gente estava ainda lá e começaram a atirar mesmo, como ele disse, e a mata ficou toda fastiada mesmo. Exatamente ai foi correndo para estrada, que a gente viu o menino que estava com sangue, estava baleado mesmo. Ai vinha bem uns cinco, ou foram seis que vinham a cavalo, não foi? Foi. Eu disse até: olha, Paulo, vamos. Ele vinha com saco, não teve como carregar, tive que sacudir fora. Se não se escondia, morria mesmo. Ai, teve que cada um se embrenhar na mata, eu ainda mesmo caí, me picando. Me furei todo. Eu sei que eles ainda pensaram que o tiro tinha me pegado. A gente caiu dentro do mato, por sorte, porque se não tivesse mata perto, eu acho que tinha saído gente morta de lá, com certeza.

TRABALHADORES DO ENGENHO PEDRA DE AMOLAR que haviam estado no acampamento de Mato Grosso, entrevistados por Lygia Sigaud e Sergio A. Chamorro Smircic, em setembro de 1999.



“Aí nós voltamos e levantamos a bandeira.
Levantamos a bandeira e não saímos mais, não.”

Destino dos acampamentos

O que ocorre com os acampamentos atacados ou despejados? Não há uma única resposta.

Após o ataque a Jundiá (1997), os trabalhadores se dispersaram. Por sua vez, os atacados em Mamucaba (1999) se reagruparam e remontaram as barracas em terras do Brejo, que havia sido desapropriado. Já os do acampamento de Mato Grosso (1999) foram se instalar no engenho Minguito, também desapropriado. No Brejo e em Mascatinho (1997), não ocorreu dispersão dos trabalhadores.

Quando despejados, muitos acampamentos foram remontados em outro local: o de São João foi refeito em terreno do sindicato na cidade de Rio Formoso; o de Cipó, instalado na vila vizinha de

**O acampamento de Baetés
à beira da estrada,
setembro de 1999.**

Vermelho; os de Mascatinho e Baetés, improvisados na beira da estrada; o de Minguito, transferido para o acampamento de Serra d'Água. Passado algum tempo, os acampamentos foram remontados nas terras cuja desapropriação era pretendida.

Qual o destino dos acampamentos?

Houve os que se desfizeram quando houve certeza de que as terras não seriam desapropriadas. Foi o que ocorreu com o de São Manuel. Houve também os desmontados depois da certeza da desapropriação (Amaragi, Sauezinho, Saué Grande e Coqueiro). Os demais foram mantidos até a desapropriação e posse pelo Incra.

De todos os acampamentos estudados, Mamucaba tem sido o de maior duração. Montado em 1998, sofreu sucessivos ataques e despejos. O ataque mais recente ocorreu em maio de 2002 no engenho Bombarda, para onde os trabalhadores haviam se deslocado em abril.



Dona Curta no acampamento de Mamucaba antes da partida para Bombarda, abril de 2002

MIGUEL

Nós ocupamos São Manuel. O pessoal dizia que a terra estava improdutiva, então a gente ia ganhar a terra (...) aí eu vim também, eu queria um roçado. Aí veio um bocado de gente, pensando que ia trabalhar logo. Mas foi ao contrário. Cada um construiu sua barraquinha e ficamos esperando as ordens dos homens. Esperamos, esperamos. foi quando chegou seu Manuel Antônio dizendo: "isso aí é meu". A gente não disse nada.

entrevistado por Alexandra Barbosa da Silva e Marie Gaille, em setembro de 1999. Participou dos acampamentos de São Manuel, Cipó, São João e do Brejo, onde tornou-se parceleiro.

SEBASTIANA

No acampamento de São Manuel, ficamos lá uns dois anos, quase três anos. E de lá o acampamento não foi em frente e a gente voltou para Tamandaré. O povo que estava foi para o engenho Cipó. O Incra tinha feito a vistoria em São Manuel, mas o dono do engenho, quando viu, tinha vendido o engenho e o Incra não pôde fazer nada. E aí foi uma turma para Cipó. Mas a gente não quis ir para Cipó não, a gente voltou para casa. [Cipó] era muito longe, era uma contramão muito grande para gente, uma contramão muito grande, e aí com seis meses chegou um povo lá também chamando para invadir outro engenho, aí eu disse: vou mais nada.

entrevistada por Hernán Gómez e Frédéric Viguier, em setembro de 1999.

Participou do acampamento de São Manuel, não quis ir para Cipó, mas acabou indo para o acampamento de São João, onde tornou-se parceleira.

JOSÉ VITOR

Depois acabou-se aí. Que aí a gente saiu por causa do Incra que veio fazer o levantamento no engenho, não é? Veio a perícia. Aí, no que veio a perícia o rapaz falou: "você estão aí [no acampamento] porque querem, porque vocês têm a casa de vocês (...). Vocês são moradores velhos. Aí vocês vivem no engenho. Não adianta vocês estarem morando dentro dos matos. Mora na casa de vocês. Não tem problema não. Negócio de acampamento assim é quando vem o Movimento dos Sem Terra (...) não tem casa para morar. Aí faz o acampamento e fica nos ranchos. Mas vocês não têm precisão não. (...) Aí pronto, de lá para cá, aí estamos agora esperando o resultado: do homem vir fazer o cadastro e depois do cadastro vem a divisão das terras. A gente tomar posse das parcelas.

morador de Sauezinho entrevistado por Lygia Sigaud, em setembro de 1997.

RONALDO

Com 22 dias a gente saiu [de São João]. Levou despejo. O juiz mandou a gente sair com 22 dias (...). Aí nós fomos para Rio Formoso, para um terreno do sindicato e lá nós passamos nove meses (...). Aí nós voltamos e levantamos a bandeira. Levantamos a bandeira e não saímos mais, não.

entrevistado por Hernán Gómez e Frédéric Viguier, em setembro de 1999.

Participou do acampamento no engenho São João e lá tornou-se parceleiro.

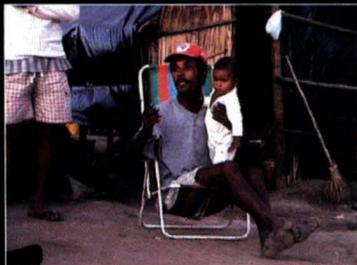
Mamucaba, a espera [vídeo de 18 minutos]

Produzido a partir de imagens captadas em setembro de 1999 no acampamento de Mamucaba, organizado pelo Movimento dos Sem Terra no município de Tamandaré, o vídeo procura reproduzir um momento de incerteza e de dúvida em relação à ocupação da terra. Continuar ou desistir? O filme apóia-se no princípio da abordagem antropológica: apresenta depoimentos dos indivíduos e debates que travaram, sem fazer apelo à voz explicativa “em off”. Os trabalhadores rurais explicitam em seus próprios termos, segundo suas prioridades e contradições individuais, a política de uma cidadela efêmera.

DAVID FAJOLLES



Em novembro de 1998, Mamucaba foi ocupado por trabalhadores rurais que, sob a bandeira do Movimento dos Sem-Terra, reivindicam sua desapropriação. Plantaram 8 hectares de lavoura.



Quase três anos e alguns despejos depois, o acampamento continua instalado nas proximidades de Mamucaba.

Os acampados ainda aguardam sua desapropriação.





"A partir deste momento essa terra é de vocês."



“A partir deste momento essa terra é de vocês.”

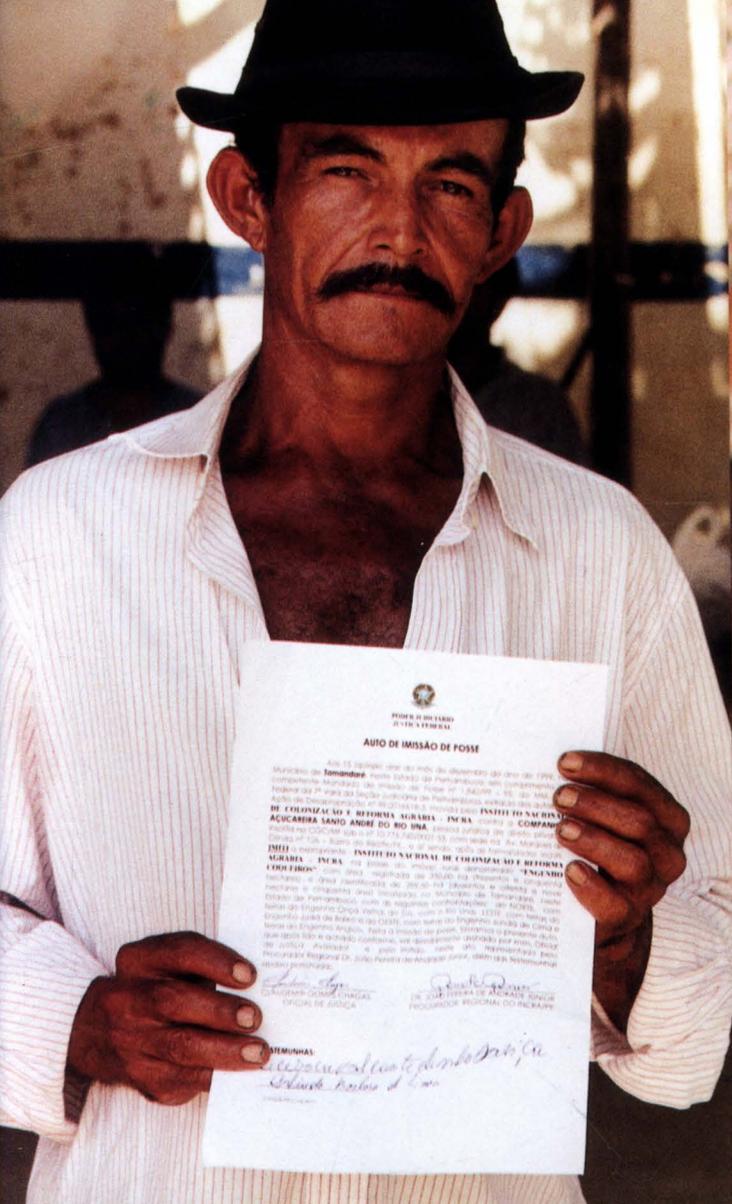
Imissão de posse

Em quase todos os casos de ocupação estudados, o Incra acatou os pedidos de desapropriação encaminhados pela Fetape ou pelo MST. Procedeu à vistoria do engenho; deu andamento ao processo quando constatada a improdutividade da terra (caso previsto por lei para a desapropriação); encaminhou o decreto de desapropriação para assinatura ao presidente da República. Imitiu em seguida na posse dos engenhos. (A imissão de posse é o ato por meio do qual o Incra se torna o dono das terras.)

Muitos dos processos foram longos e pontilhados por conflitos. O pedido de desapropriação de Sauezinho, engenho da Usina Santo André, por exemplo, foi feito em maio de 1997. O engenho, no entanto, só foi desapropriado em julho de 1999. Os donos buscaram impedir a desapropriação de Sauezinho e de outros quatro engenhos seus (Coqueiro, Cocal, Cocalzinho e Saué Grande) pedida pela Fetape e entraram em conflito com trabalhadores e sindicalistas. Zé Pequeno, o delegado sindical, foi expulso do engenho e teve a casa destruída. O mesmo ocorreu com Tôca, outro ativista sindical. Os dois e também Jaíso de Lima, presidente do sindicato de Tamandaré, ficaram judicialmente impedidos, por solicitação dos donos, de entrarem no engenho. Cerca de 100 trabalhadores de Sauezinho e dos demais engenhos permaneceram acampados na calçada defronte à sede do Incra, no Recife, durante 45 dias, a partir de março de 1999, para reivindicar o envio do processo de desapropriação para Brasília.

**Páginas seguintes:
trabalhadores presentes às
cerimônias de imissão de
posse nos engenhos Saué
Grande, Cocalzinho, Coqueiro
e Cocal, dezembro de 1999.**





LICA

O Incra chega e tem um oficial de justiça que é do Incra mesmo. Ai chega, reúne os trabalhadores, lê o documento: "A partir deste momento essa terra é de vocês. Quem manda é vocês. Um coco para tirar, só se vocês autorizarem. Uma cana, o que tiver dentro do engenho, só tira se vocês autorizarem". Ai ele lê o que pertence ao patrão. Ai o patrão pode retirar os pertences dele: cama, prato, essas coisas ai de dentro da casa ele pode retirar. Trator, caminhão, isso tudo ele pode retirar. Agora se tiver plantio, ele de plantio não tira nada. Ele pode ter horta, pode ter cana, pode ter coco. Que o caso de lá [Cipó], que ele foi lá, tirou um cacho de coco, a gente foi lá e tomou o cacho de coco: "Não, você não vai tomar água de coco aqui mais não".

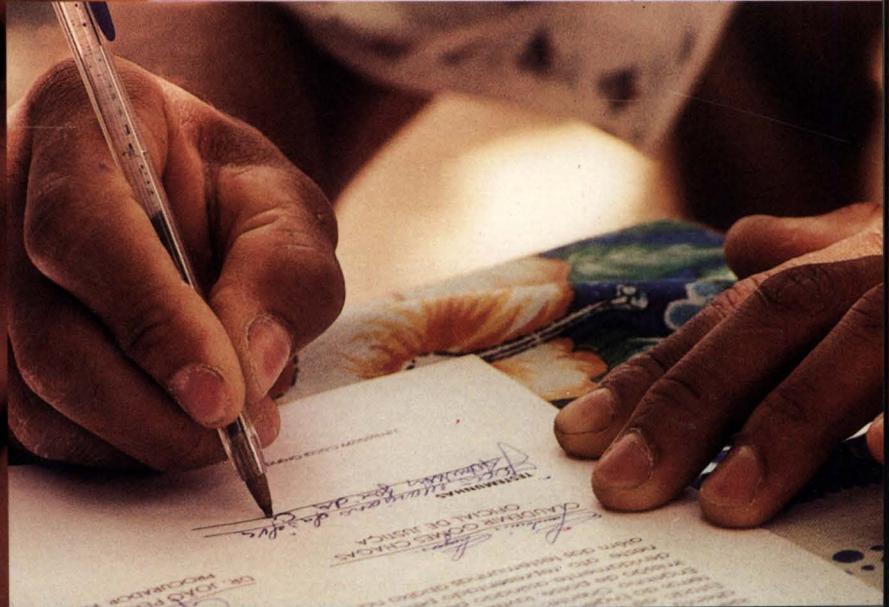
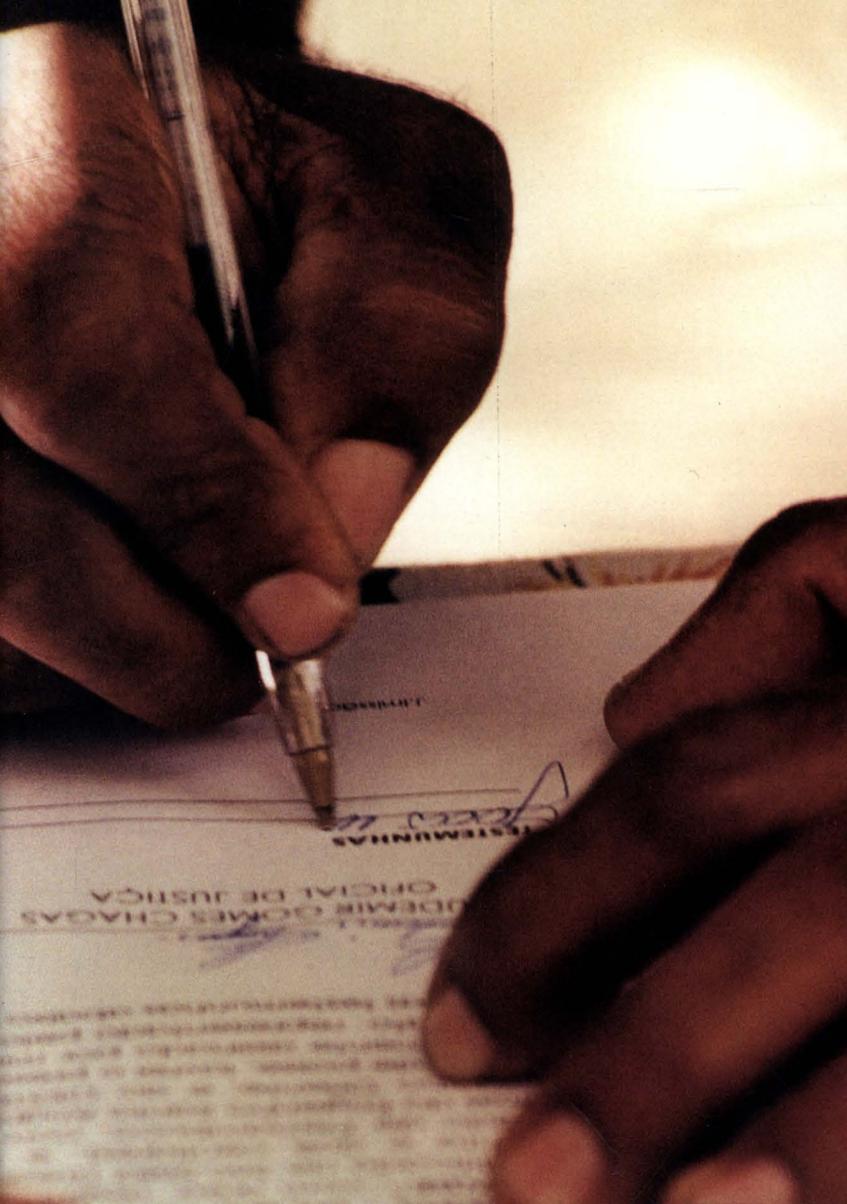
entrevistada por Lygia Sigaud, em setembro de 1999. Participou de vários acampamentos, tornou-se parceira de Cipó e transferiu-se em 2002 para o assentamento Laranjeiras, também em Tamandaré.

APOLÔNIO

Veio uma turma do povo do Incra, umas doutoras, uns doutores, e chamou a gente para uma reunião lá no arruado, junto com os moradores, e foi quando falou várias coisas importantes que a gente não sabia. Falou que a partir desta data que se referia que o engenho era do povo. Porque antes, o povo não sabia que era do povo não, sabia que era do dono. Porque nessa época as doutoras vieram, conversaram muito com a gente, e disseram que o engenho agora era do povo, porque o Incra era dono do engenho, o dono não era mais o dono do engenho. (...) Ai nós ficamos certos. Estava seguro, porque daqui não ia mais sair, porque o Incra ia cortar, parcelar e entregar a cada um suas parcelas, como isso aconteceu.

entrevistado por Hernán Gómez e Frédéric Viguier, em setembro de 1999. Participou do acampamento de São João e lá tornou-se parceiro.

Assinatura dos termos de imissão de posse nos engenhos Cocal e Cocalzinho, dezembro de 1999.



Assentamentos

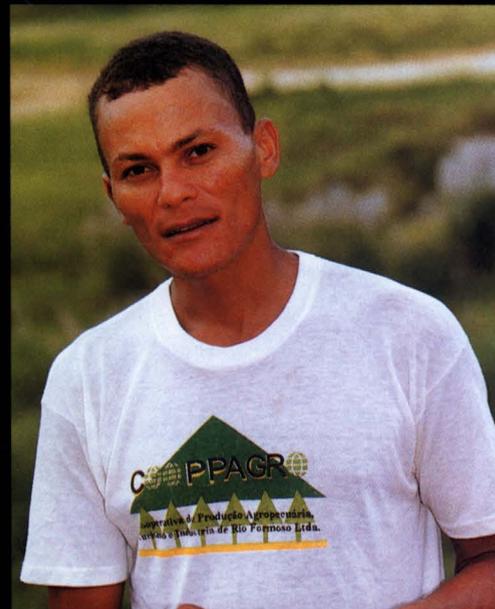
Com a imissão de posse, os proprietários deixaram a cena e o Incra passou a exercer o seu poder. Em cada engenho desapropriado criou um projeto de assentamento; selecionou os que lá deveriam ficar; definiu o tamanho das parcelas (as áreas individuais e coletivas, as de exploração agrícola e pecuária) e as condições de uso do solo. Determinou ainda que os trabalhadores constituíssem uma associação para representá-los, pois só assim poderiam ter acesso a crédito. Exigiu que apresentassem suas demandas sob a forma de planos e projetos, interpondo assim mais um intermediário: o assessor técnico. O Incra deu-lhes enfim novos nomes: beneficiários, assentados, parceleiros.

OS ESCOLHIDOS

“Eu tenho fé em Deus que eu passo na seleção. Eu sou pai de família, carregado de filhos e sou um homem trabalhador.”

A lei determina que os primeiros beneficiários de terras desapropriadas sejam os que nelas trabalham. Contemplados os moradores dos engenhos, o Inkra considerou como candidatos legítimos aqueles que estiveram nos acampamentos, desde que se enquadrassem no perfil pré-fixado (trabalhadores rurais com família).

A composição da lista dos escolhidos foi objeto de negociações envolvendo funcionários do Inkra, os organizadores do acampamento (sindicalistas e/ou militantes do MST), trabalhadores do engenho e participantes do acampamento. Quando nem todos os aptos do acampamento puderam ser contemplados, o Inkra comprometeu-se em atendê-los em futuras desapropriações, como ocorreu em Cipó: oito pessoas foram depois instaladas em Serra d'Água e Amaragi. Já a localização das parcelas e a atribuição aos beneficiários foram objeto de negociação entre trabalhadores, sindicalistas, militantes e funcionários do Inkra: houve sorteio em São João e escolha em Amaragi.



Chiquinho

Pois é, aí só olhando aqui o mapeamento. Aqui são as matas... Esse bloco aqui da área 101 é mata. Área 113 é área comunitária. A área 97 é agrovila. A área 114 é área coletiva. Aqui embaixo são as últimas parcelas. Esse bloco daqui até aqui embaixo, 109, 116, 112, 107, todo esse bloco aqui embaixo são áreas de reserva, que compõem junto com essa mata aqui; dá 216 hectares que são a área de preservação permanente, 20% do imóvel. Aí o restante aqui, onde começam os parcelamentos aqui dentro.

CHIQUINHO, presidente da Associação dos Moradores de Amaragi, explicando a distribuição espacial das parcelas a Benoît de L'Estoile, em entrevista feita em setembro de 1999.



CRÉDITOS

“O banco não perdoa.”

Uma vez assentados, os trabalhadores adquiriram o direito a receber apoio do Governo Federal, que jamais haviam imaginado: recursos para instalarem-se no assentamento, construírem uma casa e tocarem a produção. A liberação do dinheiro nem sempre foi coisa simples. Muitas vezes, para serem ouvidos, tiveram que voltar a montar acampamentos, desta vez defronte à sede do Incra no Recife. Mas o problema maior parece aquele que enfrentam agora: pagar a conta aos bancos.

O custeio é R\$1.300,00. É coisa pequena, não dá para nada, é só para ajudar o parceleiro, só uma ajuda aos pequenos. O crédito maior que tem para assentamento aqui dentro de Pernambuco é o crédito Proceara: ele dá R\$7.500,00. Esse pequeno [custeio] está difícil de chegar, imagina esse grande. Para o dinheiro sair assim, ele sai, mas com muita peleja, muita luta (...). Seria melhor se não tivesse juros, porque o pequeno agricultor, o nome já está dizendo, né, e pequeno agricultor, é baixinho no caso. Agora, o banco não trabalha pra perder, banco só trabalha pra ganhar. [O juro] não é tão explorado não, porque é 6%. Mas, de qualquer maneira, muitos vão se imprensar para pagar, por causa da área da terra, da química da terra, porque às vezes a gente faz o levantamento do projeto para plantar um tipo de lavoura que a gente pensa de dar, e a gente planta e não dá. Quer dizer que o trabalhador, o parceleiro se ferrou, se ferrou porque o banco não perdoa. Foi dito pelos técnicos mesmo que o banco não perdoa. Se plantar a lavoura e a terra não der a lavoura, o banco faz um tipo de acordo com o parceleiro e o parceleiro tem que pagar, isso quer dizer que o parceleiro se imprensou mais ainda. E se a terra der a lavoura que ele plantar, dá para ele pagar, com os 6% de juros. Agora, tem esse crédito que foi dado pela habitação, aquele que teve que assinar, e esse não tem juros. Esse a gente paga durante cinco anos, parece que tem cinco anos de carência, mas paga sem juros. Ai está bom, esse aí está bom. Sem juros dá pra pagar.

MANUEL, entrevistado por Hernán Gómez e Frédéric Viguier, em setembro de 1999, no engenho São João.

MEIO AMBIENTE

“Se pegar lavrando um pau o Ibama pega o cabra e mete na cadeia.”

A maioria dos assentamentos estudados encontra-se dentro da Área de Proteção Ambiental (APA) de Guadalupe. Instituída em 1997 pela Companhia Pernambucana de Recursos Hídricos (CPRH), esta APA compreende parte do território de cinco municípios do litoral sul pernambucano. Ela visa à proteção legal da área para fins de conservação de recursos hídricos, manguezais e remanescentes de Mata Atlântica. Do ponto de vista dos dirigentes dos órgãos ambientais, os assentamentos constituem “fatores de risco” para a preservação dos ecossistemas e, por conseguinte, encontram-se sob vigilância. São freqüentes as rondas da Polícia Ambiental nas terras desapropriadas e há diretrizes no sentido de que o uso e ocupação do solo sejam realizados conforme os parâmetros da legislação ambiental.

“... devemos acrescentar que é fundamental um acompanhamento constante nessas áreas (assentamentos rurais), bem como a apresentação de orientações básicas do ponto de vista ambiental, como forma de assegurar a preservação desses recursos naturais, bem como a sustentabilidade das atividades agropecuárias a serem desenvolvidas, uma vez que a ocupação dos setores de algumas propriedades já está consolidada, sendo que muitos destes, de forma precária, em áreas pouco indicadas.”

CPRH 1998. Parâmetros Técnico-Ambientais para Assentamentos Rurais inseridos na APA de Guadalupe. (...)

Eu ainda pego um machado, ainda lavro uma madeira. Mas se pegar lavrando um pau, o Ibama pega o cabra e mete na cadeia, não temos mais direito de fazer isso, tudo bem. Não pode desmatar mais as matas, acabar com as matas, isso aí é um crime até ainda acabar com as matas, mas na época a gente ainda fazia.

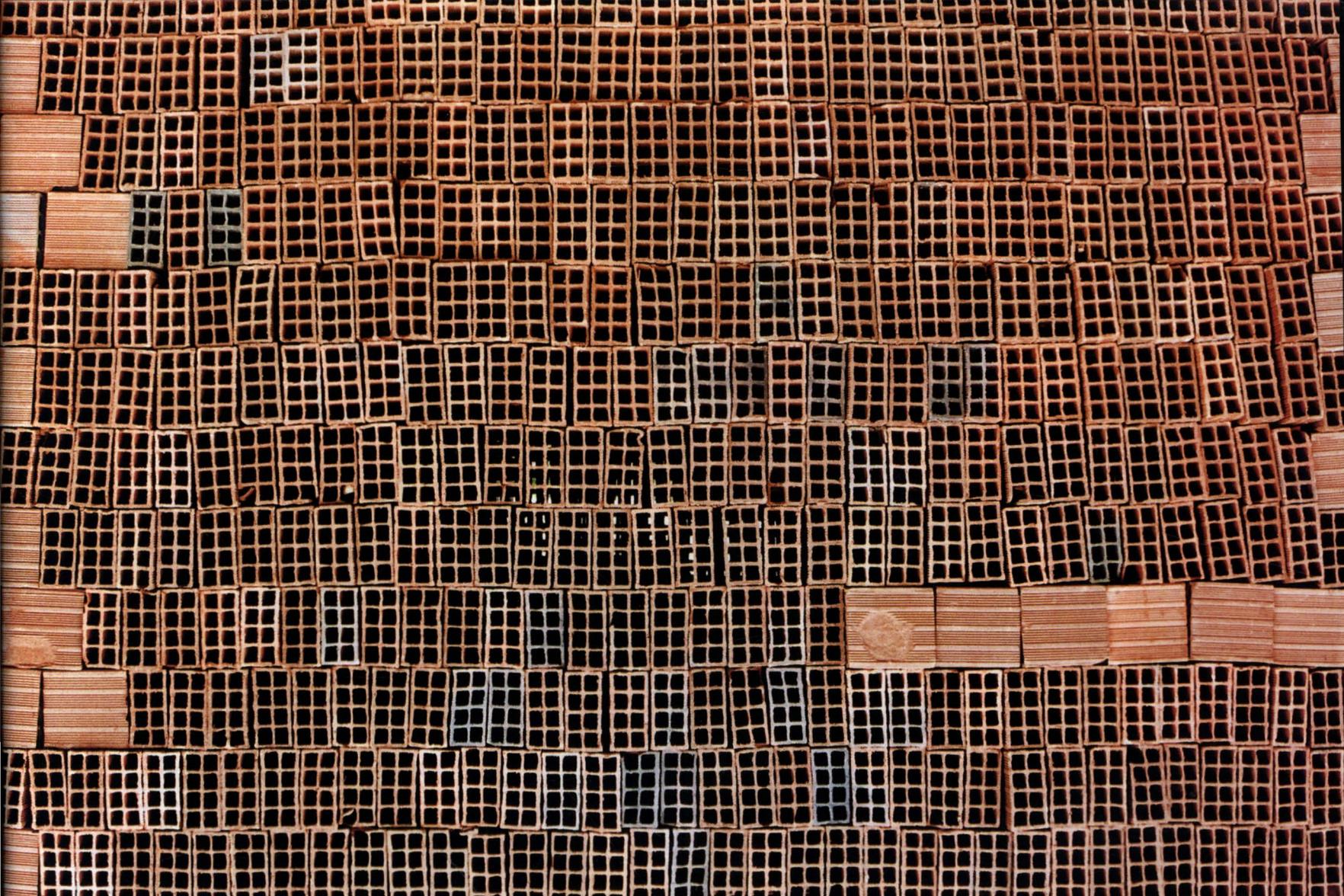
JOSÉ MENEZES, entrevistado por Sergio A. Chamorro Smircic e Richard Braga, em setembro de 1999.

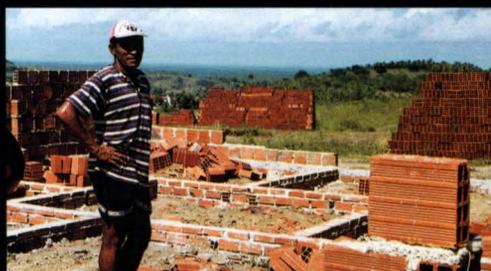
Participou do acampamento do Brejo e tornou-se parceiro nesse engenho.

CASA, ROÇADOS E CRIAÇÃO

“Eu estou satisfeito com minha parcela. Estou bem satisfeito e vou lutar por ela. Tudo está no começo.”

Encontramos, ao longo da pesquisa, avaliações distintas em relação à vida nos assentamentos: sentimentos de perda da proteção assegurada pelo antigo patrão e da segurança de um salário semanal em meio a sentimentos de ganhos importantes. Para muitos que moravam em casa cedida pelo patrão ou em habitação precária nas periferias da mata pernambucana, ter sua própria casa dentro dos engenhos representou uma mudança qualitativa de grande envergadura. Como disse Quitéria, antiga moradora de Amaragi: “eu nunca poderia ter sonhado com isto!” Poder livremente plantar lavouras e criar animais “é muito melhor, dez mil vezes melhor do que trabalhar para o patrão”, destacava Manuel, antigo morador do engenho São João. E, finalmente, o sentimento de liberdade, de não estar submetido a um patrão era destacado por muitos homens e mulheres com os quais estivemos nos assentamentos: “aqui nós somos donos da terra. É da gente, a gente não vai por onde o outro quer, a gente vai por onde a gente quer”, dizia com solenidade Traíra, assentado do engenho Cipó.





Chegada dos tijolos e início da construção das casas em Minguito, setembro de 1999.

VIDA MATERIAL



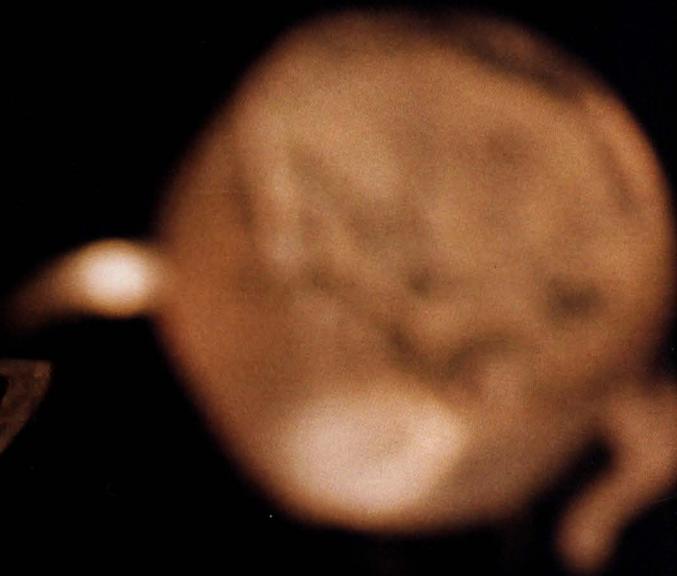
“Nós ficamos aqui porque quanto mais for a numeridade da gente, mais confiança a gente tem de ficar no lugar.”

Sempre que visitamos acampamentos, observamos que o número de pessoas era inferior ao número de barracas. Muitos homens saíam para trabalhar nos engenhos ou para fazer biscates. Nos acampamentos, permaneciam mulheres, crianças e aposentados. Alguns dos participantes dormiam ali apenas alguns dias por semana. Outros se faziam representar por um parente. O que os tornava membros do acampamento, independentemente da presença efetiva, era o fato de terem montado a barraca. Ela era símbolo e prova do seu compromisso.

GERÔNIO

"Tragam ferramentas, tragam enxada, tragam uma vasilha para cozinhar, uma caçarola, um caldeirão velho e uma foice. Pode vir aqui que o carro está aqui". Foi, pegamos uma foice, um candeeiro, um candeeiro com gás, compramos gás e montamos no carro sem nem saber onde era esse Minguito.

entrevistado por Benoît de L'Estoile, em setembro de 1999. Participou do acampamento no engenho Minguito e tornou-se parceiro nesse engenho.



Página ao lado: objetos de uso cotidiano nos acampamentos de Mamucaba, Baetés e Mato Grosso.







DANIEL PEDRO

Isso não é bom não. Como é que o camarada, que eu já dormi enrolado na lona preta, a chuva batendo, dentro do mato, na lama. É bom? Não é bom. Essa vida da gente não é boa não. Mas vamos arriscar ser bom na frente. Entendeu?

entrevistado por Lygia Sigaud, em setembro de 1997, no acampamento do engenho Brejo.

Interior de barracas no acampamento de Mato Grosso, setembro de 1999.

NA MARGEM DA TERRA PRETENDIDA

Os acampamentos proliferaram em terras pernambucanas em um momento de queda da produção da cana e do açúcar, reestruturação de algumas empresas, falência de muitas outras e desemprego em massa. Todos esses fatos estiveram relacionados a mudanças na política governamental para a agroindústria canavieira do Nordeste. Depois de anos a assegurar os preços da cana e do açúcar no mercado interno e externo, por meio de subsídios, o governo suspendeu tais garantias para ajustar-se ao receituário neoliberal.

Neste contexto, militantes do MST procedentes do sul do país chegaram à zona canavieira. Aliaram-se a sindicalistas e trataram de organizar juntas ocupações em terras que poderiam ser consideradas improdutivas. Chamaram então os desempregados, os biscateiros, os que se sentiam ameaçados no emprego, os pobres das periferias. Entraram nos engenhos, montaram barracas e ergueram a bandeira. Enfraquecidos, muitos patrões não tiveram como preservar a inviolabilidade do território de seus engenhos. Houve os que preferiram tê-los desapropriados para se beneficiar das indenizações e houve os que resistiram.

A partir de 1995, o Incra desapropriou muitas das terras onde havia acampamentos. Na ausência de uma política de desapropriação sistemática de terras improdutivas, esse órgão beneficiou-se do trabalho feito pelo MST e sindicalistas que lhe indicaram, por meio dos acampamentos, áreas a desapropriar. De 1996 em diante, a Fetape e os sindicatos, de um lado, e o MST, de outro, começaram a promover, separadamente, suas respectivas ocupações. Estas multiplicaram-se e Pernambuco tornou-se o estado brasileiro com o maior número de acampamentos.

Durante esse período as ocupações com montagem de acampamentos consolidaram-se como a forma apropriada de fazer reivindicações. As ocupações nos engenhos tornaram-se a melhor maneira de reivindicar a desapropriação de terras. Naquelas feitas defronte aos prédios públicos, objetivou-se tanto pedir a aceleração dos processos de desapropriação quanto reclamar a liberação de recursos do Incra. Isso ocorreu porque as pessoas perceberam que, para serem ouvidas pelos que tinham o poder de atendê-las, tinham de passar pelo sacrifício de viver sob a lona preta ou de fazer vigília em prédios públicos.

Em setembro de 2000, o presidente da República editou uma medida provisória para proibir a desapropriação de terras ocupadas e para penalizar os que ocupassem prédios públicos (exclusão de benefícios relativos aos programas da reforma agrária). Desde então renovada, a medida provisória inibiu os acampamentos dentro dos engenhos, que passaram a ser montados ao lado destes, na margem da terra pretendida.

“A história deste acampamento [Cipó] é uma história longa (...), essa luta aqui partiu de Camaçari.”

Camaçari

Camaçari foi o primeiro acampamento feito em Rio Formoso e também a primeira ação conjunta de sindicalistas com militantes do MST. Engenho de 2.800ha, Camaçari era tido como propriedade da Rede Ferroviária Nacional, e era utilizado pela Usina Cucaú. Foi ocupado em abril de 1992, no início da entressafra da cana. Entraram nesse engenho cerca de 1.200 pessoas – homens, mulheres e crianças –, em sua maioria reunidas por militantes do MST em Rio Formoso e municípios adjacentes (Vitória de Santo Antão, Escada e Barreiros). Lá, montaram um acampamento e passaram a reivindicar do Governo do Estado a repartição das terras, a distribuição de sementes, alimentos e lona para cobrir as barracas. O noticiário de imprensa os apresentava como trabalhadores desempregados com o fim da safra da cana. Os jornalistas não empregavam ainda o vocabulário que hoje conhecemos: “invasão”, “sem-terra”, “reforma agrária”. O acampamento foi logo despejado por soldados da Polícia Militar. A usina conseguiu provar que as terras lhe pertenciam. Muitos voltaram para casa, mas 800 pessoas seguiram para Vermelho, um antigo assentamento feito pelo Incra, e lá montaram um acampamento, iniciando então trajetórias de passagens por sucessivos acampamentos. Sobre essas trajetórias, coletamos diversos relatos. Os fatos nos foram narrados como se constituíssem uma verdadeira saga.

SAGAS

Cabeludo

Camaçari > Vermelho > Frescondinho > Barreiros (clube) > São Manuel > Barreiros > Bom Futuro > Gameleira (cidade) > Monte das Cabras > Rio Formoso > interrompe a saga, frequênta cursos de formação > Cipó > Vila Vermelho (Usina Santo André) > Cipó (torna-se parceleiro)

Jaíso

Camaçari > São Manuel > Cipó > São João (torna-se parceleiro)

Nanã

Camaçari > Vermelho > Frescondinho > Rio Formoso (sindicato) > Cipó > Vila Vermelho (Usina Santo André) > Cipó > Serra d'Água (torna-se parceleiro)

Zé Menezes

Camaçari > Vermelho > Frescondinho > Rio Formoso (sindicato) > Monte das Cabras > Mearim > São Manuel > Cipó > Vila Vermelho (Usina Santo André) > interrompe a saga para trabalhar > Brejo (torna-se parceleiro)

Lica

Camaçari > Vermelho > São Manuel > Vila Vermelho (Usina Santo André) > Cipó (torna-se parceleira)

Amaro

Camaçari > Vermelho > Frescondinho > Barreiros > Monte das Cabras > Barreiros > São Manuel > Cipó > interrompe a saga para trabalhar > Mascatinho > Brejo (torna-se parceleiro)

Severina

Camaçari > Vermelho > Frescondinho > Serrinha > volta para a cidade de Rio Formoso > Minguito (torna-se parceleira)

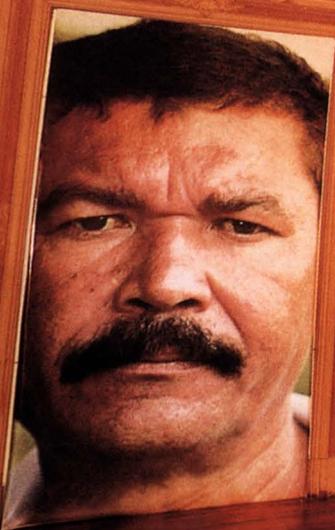
SINDICALISTAS E MILITANTES



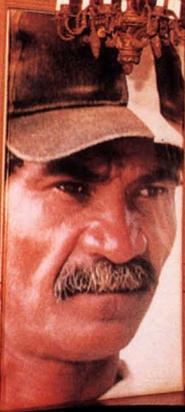
**Nesta página: painéis retratando
Jaíso, Cabeludo e Lica. Página 90:
Pedro Assunção, Nanã, Teixeira e
José Paulo. Página 91: Tadeu,
Zé Pequeno e Zé Francisco**

As ocupações e as desapropriações que estudamos teriam sido impensáveis sem a participação dos sindicalistas e dos militantes do MST. Eles escolheram os engenhos, convidaram as pessoas para fazerem as ocupações, organizaram os acampamentos, encaminharam as reivindicações ao Incra, acompanharam o andamento dos processos e lideraram manifestações para obter as desapropriações.

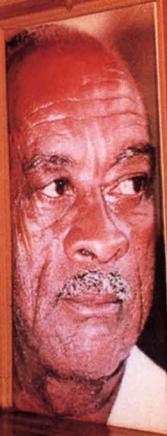
Com alguns deles tivemos um contato mais estreito na realização da pesquisa. Vamos aqui apresentá-los e reproduzir trechos de depoimentos nos quais dão sua interpretação dos fatos e contam pedaços de sua história.

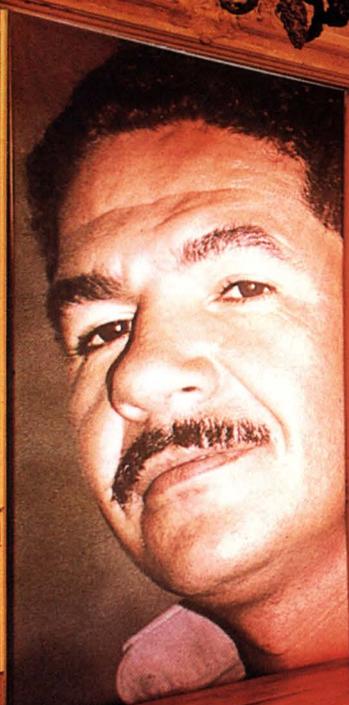


Small black informational plaque with white text, positioned below the portrait of the man with the mustache.

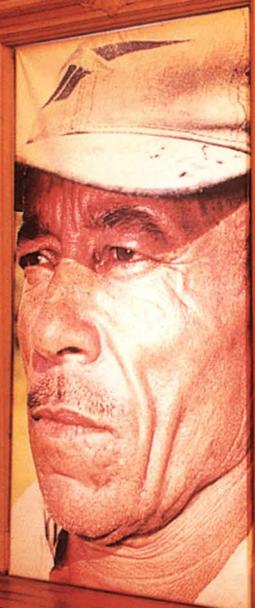


Small black informational plaque with white text, positioned below the portrait of the man in the cap.

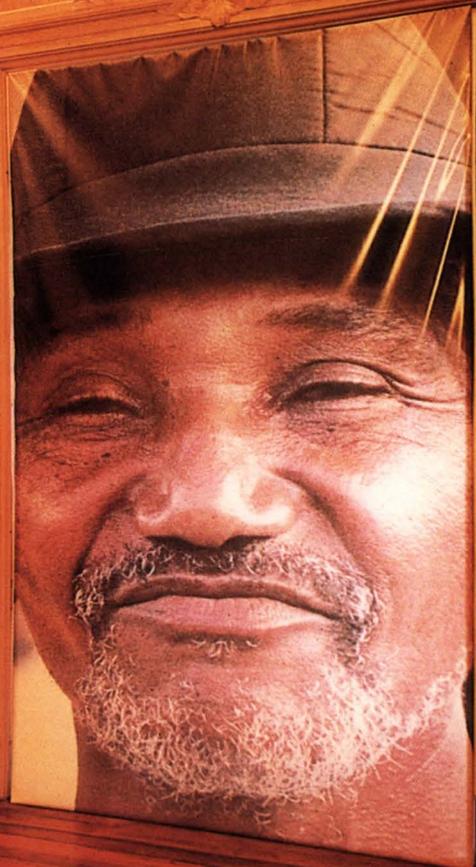




John F. Kennedy
The 35th President of the United States, serving from 1961 to 1963. He is known for his leadership during the Cold War and the Cuban Missile Crisis.



Franklin D. Roosevelt
The 32nd President of the United States, serving from 1933 to 1945. He is known for his leadership during the Great Depression and World War II.



Jaíso de Lima

Era tesoureiro do Sindicato de Rio Formoso quando começaram as ocupações. Participou de Camaçari e de vários acampamentos subsequentes. Em 1995 o distrito de Tamarandé cessou de fazer parte de Rio Formoso e tornou-se município. Foi então criado um sindicato e Jaíso, eleito presidente. Durante o seu mandato houve várias ocupações e desapropriações, dentre elas a de São João, onde ele é parceleiro, e as dos cinco engenhos da Usina Santo André: Sauezinho, Saué Grande, Cocal, Cocalzinho e Coqueiro.

“A saída que tem é a reforma agrária mesmo, porque quem tá perdendo o emprego não está deixando de viver, ele vai ter que arranjar uma coisa pra trabalhar e viver.”

Quando eu passava no engenho [Sauezinho], eu dizia que os trabalhadores é que sabiam. Agora, a saída que tinha pra eles era a reforma agrária, porque desde que a usina tinha débito com eles e não estava pagando e estava aumentando já os débitos, a saída que tinha era lutar pela terra... Cobrando os direitos na justiça e a desapropriação da terra. Porque na hora que o engenho for desapropriado, a usina vai, o Incra vai pagar a usina, entendeu? Então ali, na hora que ela pagasse, a usina ia ter dinheiro pra pagar os débitos trabalhistas deles.

A gente convida eles [os trabalhadores dos engenhos da Usina Santo André] para uma reunião. Ai a gente fala a respeito da situação de hoje. Porque a situação antigamente, há uns dez anos, a realidade era uma, né, era muita gente empregada, eram os patrões ainda procurando mais gente para se empregar. A realidade de hoje é uma coisa que a gente tá vendo: os trabalhadores perdendo o emprego. A saída que tem é a reforma agrária mesmo, porque quem tá perdendo o emprego não está deixando de viver, ele vai ter que arranjar uma coisa pra trabalhar e viver.

entrevistado por Lygia Sigaud em setembro de 1997.

José Augusto da Silva, Cabeludo

Esteve em Camaçari e nas ocupações que se seguiram. Tornou-se militante do MST e organizou vários acampamentos. É neto de Amaro Pedro, ativista das greves pré-64 e integrante da primeira geração de delegados sindicais da zona canavieira.

“Pronto, agora vou até o fim da linha.”

Aí, quando foi em 92 mesmo, conheci o Movimento dos Sem Terra, já tinha saído da usina [Cucaú]. Estava sem emprego. (...) Isso já foi em 92. Eu participei da última reunião [preparatória para a ocupação de Camaçari]. (...) Aí, eu me dediquei à vida do acampamento, e apareceu – alguns estudam fora – me convidaram, eu fui fazer aqueles estudozinhos nuns cursos que apareciam, aí pronto, dali por diante eu já fui seguindo o que se chama militância, já entrei na militância do movimento. Entrei em casa de cabeça erguida. Disse: pronto, agora vou até o fim da linha.

trechos de entrevistas feitas, em setembro de 1999, por Lygia Sigaud, Sergio A. Chamorro Smircic, Alexandra Barbosa da Silva e David Fajolles.

Deusdete Maria de Vasconcelos, Lica

Trabalhou no Sindicato de Rio Formoso, participou da saga de ocupações e tornou-se parceira, primeiro em Cipó e depois em Laranjeiras.

“Companheiro, é a hora.”

A gente vai para a periferia. É, visita na periferia. Mas o trabalhador rural mora aqui? Quantos estão desempregados? Não é, aí começa [o trabalho de recrutamento para a ocupação]. Veio de onde? Não, eu vim do engenho Primavera, vim de tal engenho. A usina derrubou minha casa, botou para fora. Esse é um trabalhador, esse a gente ganha. Olha, a gente vai fazer uma reuniãozinha, pode ser aqui dentro da tua casa? Começa a trabalhar a cabeça do companheiro. Não é uma reunião nem duas não. Primeiro a gente se encontra várias vezes. Com um companheiro de uma ponta de rua, e ele se encarrega de chamar os outros. Porque ele, na comunidade de ponta de rua, ele sabe quem é melhor do que a gente. Então se a gente for lá só porque conhece fulano, mas o quê que fulano apronta lá na rua dele? No bairro em que ele mora? A gente não sabe. Mas eu que moro junto de fulano, eu sei quem ele é. Aí eu posso saber se fulano serve ou não. Aí, depois que a gente trabalha um, dois companheiros assim por rua, aí a gente pede para eles convidarem mais uns companheiros. A gente pergunta se pode ser no quintal da casa dele. (...) aí a gente faz a reunião assim. Não é com muita gente não, quatro, cinco pessoas. (...) Aí, depois daquilo, a gente passa aqui para marcar o dia. (...) a qualquer hora a gente vem dizer o dia que a gente vai. A gente vai hoje. Quando é de noite a gente está nas portas dos cabras. Companheiro, é a hora [bate palmas].

entrevistada por Lygia Sigaud, em setembro de 1999.

Pedro Assunção

Parceiro em Serra d'Água, participou da saga de acampamentos. Foi dirigente sindical em Igarassu (na Mata Norte) e diretor da Fetape.

“Então partiu para a luta e começaram os acampamentos.”

Os trabalhadores começaram a sofrer, porque vieram as demissões em massa, veio o pagamento de forma diferente, hoje as usinas, se elas estão pagando um salário em espécie, estão dando um papel, um vale para comprar no barracão, volta o barracão, volta o desmantelamento dos engenhos, os engenhos se acabam, os trabalhadores perdem o emprego, e fica a favela. (...) Mas o sindicato deveria dar uma resposta ao trabalhador, como deu. Então aí apareceu tanto o Movimento dos Sem Terra, que não é ligado ao movimento sindical, o MST, como o movimento sindical, assumiu também a bandeira da reforma agrária. Então partiu para a luta e começaram os acampamentos.

entrevistado por Benoît de L'Estoile em setembro de 1999.

Nanã

Trabalhou no Sindicato de Rio Formoso como pedreiro e motorista e participou da saga de ocupações.

“Pelejei muito. Não vou dizer que não trabalhei muito atrás disso também e junto com os outros companheiros.”

Porque eu fazia todo o serviço ali com os meninos [sindicalistas] também, mas só que eu não era fichado. Nunca fui fichado. (...) eu trabalhava as greves todinhas, dirigindo para o sindicato. (...) Ai chegou um menino do MST aqui em Rio Formoso e começou [a preparação da primeira ocupação em Rio Formoso].

Toda quarta a gente tinha uma reunião na casa de farinha aí da prefeitura, toda quarta-feira; aquele negócio de reforma agrária. Ai, eu fiquei [acompanhando as reuniões]. Nessa época, estava parado. Quer dizer, estava parado porque não tinha emprego, não é? Trabalhava, fazia serviço no sindicato. Só sei que procuravam um [um engenho].

Eu sei que a gente ocupou o engenho [Camaçari]. (...) Ai a gente saiu de lá e veio para Vermelho. [Após passar por vários acampamentos,] a gente veio para aqui. (...) Ai o que eu tenho para informar sobre os assentamentos é isso. Pelejei muito. Não vou dizer que não trabalhei muito atrás disso também e junto com os outros companheiros.

entrevistado por Lygia Sigaud, em setembro de 1999.

José Antônio de Lima, Teixeira

Tesoureiro do Sindicato Rio Formoso e pastor da Assembleia de Deus. Foi presidente do sindicato quando foram ocupados Minguito, Serra d'Água e Mato Grosso.

“Deus tem seus caminhos. E ele me botou aqui.”

Eu sou um dos criadores do sindicato aqui. Não como diretor, como sócio. E acompanhando as reuniões. Passei vários tempos na chapa, mas como vice, não é, lá atrás. Eu não queria vir para a frente não. Ficar lá atrás. Uma, que eu não queria deixar o trabalho de evangelização. Mas depois, Deus tem seus caminhos. E ele me botou aqui. E eu estou esperando também o dia dele me tirar daqui para eu sair e ir cuidar do evangelho mais do que cuidar. Que aqui a gente não tem tempo de trabalhar não. Aqui a gente nem tem tempo de trabalhar. E nem tem tempo exato de trabalhar lá. Porque tem muitas reuniões que eu não posso aderir daqui por causa do evangelho. E tem muitas no evangelho que eu não posso por causa daqui.

entrevistado por Benoît de L'Estoile e Charlotte Castelnaud L'Estoile em setembro de 1999.

José Paulo de Assis

Diretor de política agrária do Sindicato de Rio Formoso e parceiro em Amaragi. Era o prefeito do município quando ocorreram as ocupações de Serra d'Água, Minguito e Mato Grosso. Forneceu alimentos aos que estavam acampados e, após a desapropriação, adquiriu produtos dos assentamentos para abastecer as escolas municipais. Foi presidente do sindicato por mandatos sucessivos e participou da diretoria da Fetape. Acolheu os militantes do MST em 1992 e, juntos, organizaram a ocupação de Camaçari.

“A reforma agrária é interesse de todos.”

Essa convicção eu tenho, que reforma agrária é de interesse de todos. Não só dos trabalhadores rurais. Se todos nós precisamos comer bem cedo, meio-dia e de noite, e a hora que puder e tiver, então, precisamos também compreender esse processo, que é de responsabilidade de todos nós.

Por isso eu falei antes para vocês, que gostaria de poder experimentar um processo desse, de reforma agrária, ou mesmo, se não for uma coisa de reforma agrária, uma coisa mais massiva, mas poder experimentar, eu estando na prefeitura, com esse acompanhamento de alguns assentamentos, não é? Porque é de costume nos assentamentos assentar os trabalhadores e eles não serem acompanhados. Isso tem um cheiro assim de quem quer fazer as coisas para não dar certo.

entrevistado por Afânio Garcia Jr. e Lygia Sigaud em setembro de 1997.

José Tadeu da Silva

Antigo tesoureiro e atual presidente do Sindicato de Rio Formoso. Organizou a ocupação de Mato Grosso.

“Que se eles tivessem emprego, eu tenho certeza que não estavam invadindo terra.”

Hoje em dia, só está acontecendo negócio de invasão de terra porque o culpado de tudo isso é o presidente. Porque se o presidente lançasse o quê? Emprego, ou senão uma firma no município, uma fábrica, cedia emprego para o pessoal. Mas deixa o pessoal tudo passando fome. (...) Porque não é que eles querem invadir terra não. É porque o caminho que tem é que eles são forçados a fazer aquilo. Porque o que fazer na rua sem ter emprego? (...) Que se eles tivessem emprego, eu tenho certeza que não estavam invadindo terra.

entrevistado por Sergio A. Chamorro Smircic em setembro de 1999.

Zé Pequeno

Morador do engenho Sauezinho (Usina Santo André), foi delegado sindical e organizou o acampamento no engenho. Depois da desapropriação, tornou-se parceiro e assumiu a presidência da associação do assentamento. Em abril de 2002, não tinha nenhum cargo.

“Já comecei entendendo que o meu patrão queria guardanção grande, eu comecei a entender que era ruim para mim, já fui para sindicato.”

E daí por diante. (...) De 15 anos em diante, já comecei a freqüentar o sindicato. (...) Aí queriam me enrolar. Aí eu corri para sindicato. (...) Aí veio a campanha salarial. Quando estava perto, em setembro, tinha as assembléias no sindicato. O que a gente ouvia na assembléia a gente passava para os trabalhadores dos engenhos. Aí, quando chegava em outubro, ela [a campanha] estava meio que, estava na base de parar, de reivindicar os direitos. Aí nós, juntos, parávamos os trabalhadores: “nós estamos de greve”. (...) Agora nós já estamos com outra luta. É, nós estamos organizando os trabalhadores para fazer reforma agrária.

extratos de entrevistas feitas por Lygia Sigaud no mês de setembro dos anos de 1997 e 1999.

José Francisco

Parceiro em Amaragi e vice-presidente da associação dos moradores do assentamento. Foi delegado sindical até a desapropriação pelo Incra. É irmão de Zé Chico, ativista das greves pré-64 e integrante da primeira geração de delegados sindicais da zona canavieira.

“A produção estava a zero, quase zero. Aí foi quando foi decretado improdutivo.”

Aí, foi numa fase até que teve uma grande produção, que Amaragi, no início moeu, lá naquela faixa de, vamos dizer assim, 78, 79, 80: 35.000 toneladas pra 36.000! Chegou nessa faixa aí, de 36.000. E outro momento, no ano passado, nessa última moagem, que o Incra se apossou, que a gente pegou, talvez deu umas 5.000. Veja, foi caindo, né? Então, a última que o Incra já tinha empossado talvez chegue as tuas cinco, né? Essa desse último ano 98, 99, que a gente termina, o ano terminou agora em março, no máximo, deu umas quatro. A produção estava a zero, quase zero. Aí foi quando foi decretado improdutivo, né?

entrevistado por Benoît de L'Estoile, Lygia Sigaud e Richard Braga em setembro de 1999.

ENGLISH VERSION

During the 1990s, clusters of tents made of wooden structures covered with canvas, almost always black, surrounding a flagpole, started dotting the countryside in the state of Pernambuco in Northeastern Brazil. These camps (known as *acampamentos*) had the aim of pressing a federal agency called Incra, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (National Institute for Settlement and Agrarian Reform), to expropriate the area where the camps were established, and to redistribute the land among those that were camped. Organizations such as the MST, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (Landless Rural Workers' Movement), and trade unions connected to the Fetape, Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Pernambuco (Federation of Agricultural Workers of the State of Pernambuco), were at the head of those initiatives.

In September 1997, a team of professors and students from the Graduate Program in Social Anthropology of the Museu Nacional, and of the Department of Social Sciences of the Ecole Normale Supérieure and the Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (in Paris) conducted a research field trip to the neighboring municipalities of Rio Formoso and Tamandaré, in the southern coast of Pernambuco state, in an area of sugar cane plantations (*engenhos*) and sugar processing factories (*usinas*). In that region, known as *zona canavieira* (sugar cane region), the owners of the *engenhos* have a strict control over their territories, and only those who have their permission may enter.

We then saw, for the first time in that region, the *acampamentos*. How could it be that those camps, with their black tarp tents and their flags, were established inside the *engenhos*, within the territories controlled by the owners?

To understand this new fact, we went to the camps and there we met not only individual men and women, but also whole families. The adults had personal histories of life and work in the sugar cane plantations. Some of them had other job experiences, as masons, construction workers in general, truck and tractor drivers, private guards, street peddlers and housemaids. We asked them to tell us about their lives and how they had found their way to those camps. Whenever we had the opportunity, we observed their daily life. We also

talked with many of those who had been to camps that had already been ended, and we recovered their histories. We listened to union leaders and MST militants, owners of plantations and managers of sugar factories, Incra officials and mayors. We gathered documents, looked at newspaper collections, and searched the Internet. We went to Pernambuco several times. We tried all along to bring out the relationships between the facts so as to be able to explain them, and to understand the persons' viewpoints.

Canvas and flags in the lands of Pernambuco has the aim of bringing to the public the results of this research. The main thread of the exhibition is woven by the men and women that we met during our research. Based on their views, we are going to present the *acampamentos*, their origins, who takes part in them, their symbols. We will show what led these men and women to gather in these camps, their survival strategies, the evictions and aggressions they have suffered, and finally, what has become of them.

Out of the 168 farms that have been expropriated by the Incra in the state of Pernambuco between January 1979 and July 2002, fifteen are in Rio Formoso and Tamandaré. Among these, thirteen were preceded by *acampamentos*, of which eight were the object of our research. Thus, many of those that are part of the history that is presented here have been settled by the Incra. Today they have a house and a parcel of land. The *acampamentos*, with their canvas and flags, were decisive in this outcome.

LYGIA SIGAUD

On the occupation of spaces

Canvas and flags presents to the public anthropological research regarding the land occupations in Pernambuco. It transposes a new context for this phenomenon to the Museum's space.

How is this occupation undertaken?

By bringing distant, complex realities closer. By conveying the multifaceted personalities involved in the occupations to the public's eye. By building ways to approach these realities.

The canvas and the flags define the occupations with broadsides and poster-sized photographs exhibit faces and landscapes. Suspended objects... Black walls... Labyrinths...

The public weaves a complex web of trajectories, accompanying the occupation process, connecting fragments of a new story.

Testimonies: voices attract us. The occupation process is described in all its ambiguities. Events are narrated by their participants.

A lean-to inside the Museum, the Emperor's palace.

Transformation of space as a form of emancipation.

ANDRÉ WELLER

Patio by the stairway:

MAMUCABA (Tamandaré)

747 ha

Occupied in November 1998

BREJO (Tamandaré)

1149,5 ha

Occupied in April 1997

Expropriated in June 1998

MATO GROSSO (Rio Formoso)

874,7 ha

Occupied in May 1990

Expropriated in July 2000

MINGUITO (Rio Formoso)

879 ha

Occupied in May 1997

Expropriated in December 1997

TENTÚGAL (S. José da Coroa Grande)

2200 ha (estimate)

Occupied in November 1998

SERRA D'ÁGUA (Rio Formoso)

705,6 ha

Occupied in May 1997

Expropriated in December 1997

SAUEZINHO (Tamandaré)

875,9 ha

Occupied in May 1997

Expropriated in July 1999

CIPÓ (Tamandaré)

444 ha

Occupied in 1992

Expropriated in December 1994

MASCATINHO (Tamandaré)

805,7 ha

Occupied in April 1997

Expropriated in November 1998

SÃO JOÃO (Tamandaré)

328,7 ha

Occupied in April 1996

Expropriated in November 1997

Sugar cana: origins and evolution in poetry Biu da Luz

1 Introduction

Brazil was divided
in twelve *capitanias*¹
The court of Portugal
divided the country as it wished
Enormous grants of land
called *sesmarias*²

Those who received the land
also had a mission
To discover gold mines
and to produce plenty
Thence came sugar cane
as an export product

2 Sugar cane

This history comes from way back
since the colonial times
Sugar cane was
the export product
From Pernambuco to Bahia
the plantations were spread

The *bangüê* mills were brought forth
and they were set up in every estate

To make raw sugar
in enough quantity
But the market demanded
products of the highest quality

Sugar was produced
from *caiana* sugar cane
And there was also the *demerara*
which is another good seed
All of that was produced
in the lands of Pernambuco

After the *bangüê* mills³
the sugar factories⁴ were created
To produce a kind of sugar
white as platinum
Every sugar factory
had its own repair shop

So sugar cane
had its price guaranteed
Government subsidies
for all that was produced
The product was traded
out in foreign countries

More than sixty sugar factories
were established on the state

All producing sugar
to sell on the market
The larger the production
the better the results

After some time
the subsidies were ended
And the factory owners were full of debts
Their good life was over
Some sugar factories
soon came to a halt

Just a third of the sugar factories
are still working today
Many of them went down south
others kept falling to the end
The sugar cane sector
is restructuring itself

The sugar factories are now
being modernized
Highly mechanized production
And a very demanding market
A very large amount produced
with very few people working

3 Worker in the cane

First the Indians were evicted
and their lands taken
Those lands were prepared
to plant sugar cane
And for that they used
the labor of the slaves

The slaves worked
under the orders of the overseer
A heavy work it was
and there was no one to defend
[them
They spent their lives as slaves
and their value was never
[recognized

In the nineteenth century
came the act of abolition
It forbid buying black people
to use them in the plantations
What followed was wage working,
the bosses and the workers

From the slavery of the past
came another one much like it
The life of the worker in the cane

almost did not change at all
Working for twelve hours without
[stopping
just to get food for his meal

4 The rural workers organization

Our history
begins in the nineteen sixties
The older ones among us still
[remember
It is recorded in their memories
The moment it all started
The beginning of all our trajectory

With courage and unity
the working people
got together in the labor union
to struggle and show their value
To fight against the despotism
of the exploiters

In the year sixty three
there was the first general strike
In the Zona da Mata of Pernambuco
the sugar cane fields were halted

The Union and Fetape
faced the military chiefs

There were also the Peasant
[Leagues

They are part of history as well
Their struggle in Pernambuco
is present in our memory
All this was of great help
and led us to our victory

Then came the military coup
destroying the organizations
Unions were under intervention
of the higher authorities
But the people resisted
against all atrocities

In the year seventy nine
the struggle was taken up again
The workers took to the streets
It was time to turn the game
Rights are conquered
with the strength of our organization

Many strikes were made
and many rights conquered
There were some great occasions

that will always be remembered
Mata, Sertão and Agreste
The work in all regions was connected

Let us also remember CUT
such a great fighter
Struggling for the interests
of the workers as a class
The rural workers are also part
of this brave fighter

5 Encampments and settlements of the rural workers

That is why the workers
of the *sítios*⁵ and of the foot of the
[hills

adopted a strategy
to release themselves
To avoid starvation
they decided to occupy land

They built encampments
in the estates owned by the sugar
[factories
The factories which had cut their jobs

and had not paid them a cent
To produce food
those lands are like mines

To set up the encampment
one needs lots of spirit
To face the henchmen
of the bosses' private guard
and the police of the state
which is also always pressing

Much has been conquered
after this struggle was fought
Many estates
were expropriated
Those who have resisted
today they have a place to call
[their own

6 Research

Research is a sublime act
widely well reputed
It is a study made
to widen our vision
It identifies problems
and suggests how to solve them

Research has been done
in the sugar cane region
Even street markets were
[researched

And the researchers' meals
were the workers' own home-made
[food

Thus the researchers
surveyed the facts
of sugar cane
and all the hardships it brings
Of the sugar factories
and all the frailty they show

Research was done
about the worker and his
[enslavement

The history of the workers'
[organization

was recovered from the past
And it has also reported the
[comeback of the struggle
by means of the workers'
[participation

¹ *Capitanias* were the first administrative divisions of Brazil during colonial times [translator's note]

² *Sesmaria* was a land allotment that the king of Portugal provided to persons who should promote its cultivation [translator's note]

³ *Bangüê mills* (*engenhos bangüês*) were the old style sugar mills, moved by hand or with the use of draft animals. In the Brazilian Northeast the name *engenho* also came to designate the estates where the sugar plantations were located [translator's note]

⁴ *Usinas*, in Portuguese [translator's note]

⁵ *Sítio* is a small farming area where a peasant lives with his family, either outside the great estates or on allotments provided by the landowner within the estates [translator's note]

A JOURNEY IN PURSUIT OF LAND

Motivations

"Then I was dismissed. I hanged around the streets. Without a job. Without a place to live."

Most of the men and women that we met evoked the lack of jobs as the reason for their presence in the encampments. In 1997 the union leaders estimated that there were 3.000 persons unemployed in Rio Formoso and Tamandaré. The bosses were dismissing the people either to reduce their costs (as in the Trapiche sugar factory), or because they did not have the money to pay the workers (as in the Santo André sugar factory). In many *engenhos* and *usinas**, sugar cane production had fallen considerably.

The reduction of the subsidies and the privatization of the sugar export procedures that the government established in the early 1990s, together with a long drought in the region, had triggered a crisis in the sugar cane sector.

Many people went to the encampments because they saw them as a way out of their straits: a solution not only for the lack of jobs but also for things such as the end of a marriage, or the loss of a house due to the big flood in Rio Formoso in 1997. Others still were motivated by the desire of achieving a better life in the future. The encampments were a bet they made.

* *Engenho*, literally a sugar mill, is the name given in the Brazilian Northeast to the sugar-producing estates. *Usina* are the large-scale sugar factories, most of which own various estates that supply them with part of their sugar cane needs [translator's note]

DALVINO

So then I came here, looking for a job again. I stayed here, I searched and searched and searched, but I didn't find any job in the companies, in the sugar factories, so I went back again to the sertão. But some time later this*

fellow, a friend of mine, said: "go to the sem-terra!" So I came [to the Mamucaba camp].

interviewed by David Fajolles in September 1999 in the Mamucaba camp.

* *Sertão* is the name given in the Northeast for the dry backlands [translator's note]

DANIEL PEDRO

Then I was dismissed. I hung around the streets. Without a job. Without a place to live. And without any food. I just hung around. Do you get it? Then, they were, the people were, camped in Mascate. And in Barreiros. What? I was struggling to be hired for a day of work, but it was not possible to find that anywhere. So I ended up in Mascate. I went to Mascate, then the kids came; they came here to occupy Brejo.

interviewed by Lygia Sigaud in September 1997 in the Brejo camp.

APOLÔNIO

"Daddy, why are you going out so late?" It was midnight when I left home: "comrade, do you want to go on a trip with us?" I said: Let's go! And my wife said: "Apolônio, where are you going?" I said: I am going to occupy land; I can't just stand by, I am not young anymore, I cannot find a job for me to work, so I am going in pursuit of land, now the only way is to pursue land.

interviewed by Hernán Gómez and Frédéric Viguier in September 1999. He participated in the São João encampment and there he became a *parceleiro*.

ZINHO

Incra kept telling us to invade land, and we kept invading it, so we have proved we really want to conquer that piece of land...

interviewed by David Fajolles in September 1999 in the Mamucaba encampment.

SEVERINO

*It was hard to find a job. I am used to working in agriculture, in this region of Barreiros, so I came. I saw in the television that the Movimento Sem Terra**

was occupying the estates of the Central Barreiros sugar factory, and over where I was living it was hard to find a job.

interviewed by Sergio A. Chamorro Smircic and Richard Braga in September 1999. He participated in the Brejo camp and became a *parceleiro* there.

* Movimento Sem Terra, the Landless Rural Workers' Movement, is a peasant organization created in the 1980s to struggle for land reform in Brazil [translator's note]

PALHAÇO

I was in Rio Formoso. I used to live in Rio Formoso, you know? In a room in Rio Formoso. When the tide went up, the house would fill up with water, you know? It would fill up with water... So I considered it a very poor place over there, and so some days ago I came here to the sem-terra [Mamucaba camp].

interviewed by David Fajolles in September 1999 in the Mamucaba camp.

Occupation

"So we got into a Kombi van and off we went to the world"

To occupy the sugar cane plantations (*engenhos*) and to establish encampments within them was always a decision of organizations such as the Movimento Sem Terra (MST) or the unions affiliated to the Fetape*. They chose the *engenhos* that were producing little, so there would be a better chance that the Incra considered them unproductive – Incra can only expropriate lands that are classified that way. There were peasant-workers (*moradores*)** living within almost all of them, working for the landowners.

The occupations took place after a work of mobilization made in the poor neighborhoods in the small towns in the Zona da Mata of Pernambuco. The union leaders gathered the union members and other people they knew in each municipality. The militants of the MST, on the other hand, gathered people from different municipalities.

Militants and union leaders told us that, before the occupations, they made small meetings to invite the people and to motivate them to "pursue land". Then they arranged a day to come and to take them to the estates. The Kombi vans were always mentioned as the most common means of transportation. After the group had been gathered, they went to the *engenho*, entered it, and set up the camp. The number of participants in each act of occupation varied widely: 9 in the *engenho* Brejo, 36 in the *engenho* Mato Grosso; 80 in the *engenho* Cipó; and more than 100 in São João.

We have also studied cases where there was no occupation proper, that is, where the encampments were made by the workers that lived within the *engenho* itself, who demanded the appropriation of its lands. That is what happened in Sauezinho, Saué Grande, and Coqueiro (plantations that belonged to Santo André sugar factories) and Tentúgal (which belonged to Central Barreiro sugar factory). The Rural Workers' Union of Tamandaré promoted the first three encampments and the fourth was organized first by the Union of São José da Coroa Grande and later by the MST.

* Fetape is the state federation of rural workers' unions [translator's note]

** Many of the workers of the plantation estates used to live within them, in houses or small parcels of land provided by the landowner. These workers were called *moradores* (literally, dwellers or residents) [translator's note]

TRAÍRA

I was in Tamandaré, then a man said: "Traira, didn't you want to have some land, weren't you crazy about getting some land for yourself?" Sure, why not, where is it? He said: "well, there is a man making a list of names to go to a engenho. I don't know where it is, but I know that they are going to pursue land". I said, well, I would go on right now. So I went, when I got there the guy was about to go away – the people called him Paulista – then I didn't talk to him right away. He came and said: "but you... you should come back on Wednesday, we are going to have another meeting". So I went there on Wednesday. I didn't know what sem-terra was, I had never seen them over

there. Then he said: "we will go there and occupy the engenho. Then the engenho will be divided up among the people who occupied it". Yes, I said, it's ok. So when the day came, I went. We jumped onto a truck at about 4 in the morning, and off we went. When we got to the engenho São Manuel, the people were brought down from the truck. The truck went away and we stayed on. I stood in the middle of the scrub, like that, and I said to myself: my God, what am I doing here? Someone said: "Shouldn't there be a canvas?" And I said: and do you think I have any canvas? I didn't know. My family stayed in Tamandaré. So I got there, they gave me canvas, I made a little tent and stayed inside it. Sure, I was afraid to bring my family to the middle of the scrub – to a little plastic tent, anyone can open a hole in it with a finger, what about a bullet? There was an encampment close by where they shot at the people, like that, with all the people inside.

interviewed by Alessandra Barbosa da Silva e Marie Gaille in September 1999.
He participated of the encampments of São Manuel and Cipó, where he became a *parceleiro*.

GERÔNCIO

I was in town. That was before I went to the union, and the people said: "Gerônimo, they are going to set up a camp there. Aren't you going to invade land?" I said: hey, man, this matter of invading land, I have never invaded any land, but I am going anyway. It was the union. I was part of the union. I worked in the fields, I was part of the union, because I used to pay the union.

So he said this: "Aren't you out of work, Gerônimo? What are you going to do now? You have no land, you have no place to live. And there is this area over there that is going to be for the government, it is going to be for the Incra, only for the Incra. Why don't you go to this thing? It is going to be good game, it concerns a debt of the sugar factory with the bank". So I said: you know what? I'm going. "If you are really going, then come back here later on, because the car is leaving from here, today". That was a Saturday afternoon. I said: but wait a minute, how are we going to stay there? In the middle of the scrub? "We [leaders of the union] will give you the canvas, the food. I have to

ask you if you are going – whoever is going, has to come back here. Now, you must take work tools, your hoe, a pot to cook in, a sauce pan, an old kettle, and off you go, and bring a sickle too. You can all come, the car is here". So it was, we got a sickle, a gas lamp with gas, we bought gas, and we went into the car without even knowing where this Minguito place was. The car was full of people and we went there. When we got there, we started to gather wood, it was almost nighttime. We made a big tent with canvas, like this, everyone got under it, then came a truckload of food that the mayor sent us, the food was divided among the workers, each person received a little bit of food.

interviewed by Benoît de L'Estoile in September 1999. He participated of the Minguito camp, where he became a *parceleiro*.

Occupation of the engenho Baetés

Sequence of the occupation of the engenho Baetés, in the municipality of Barreiros, south of Tamandaré. The occupation, organized by the MST, happened in August 1999. Notes by Sergio A. Chamorro Smircic.

"(...) The first thing the people did was a initial clearing, taking out the plants (fallow scrub and old sugar cane plants) from the space where the huts would be built; next, many people went to the forest in search of wood and vegetal fiber to set up the hut structures. After clearing the soil deeply to flatten it out and leave it completely horizontal, they started to build a structure, fixing two poles (2 to 2.5 meters high) into the earth with a distance of two or three meters between them. Over these poles, they put a beam, forming the basic supporting structure. Next, they tied poles to the beam letting them drop to its sides. Over these, they fixed other ones, parallel to the beam, forming the structure of a two-sided roof. (...) All poles were tied with vegetable fiber.

To cover the roof, they use canvas. Between the wooden structure and the canvas, or over the canvas, palm leaves or cane and grass blades are used as isolating material, intertwined and tied to the wooden poles. In the lower part of the sides, when the huts are made of sticks and mud (*pau-a-pique*), they usually leave open spaces covered by palm leaves, to favor ventilation. (...)

Inside the tents, many people made tarimbas with sticks (at about 50cm from the floor). Some people also made a similar structure, to be used as a table to keep food and other objects away from the floor (...) they left a wide space at the center of the area – like a “square” – for the meetings. In this space, they raised the flagpole with the flag.”

SERGIO A. CHAMORRO SMIRCIC, *Com a cara e a coragem. Uma etnografia de uma ocupação de terras.* MS thesis, UFRJ/MN/PPGAS, 2000, pp. 44-46.

MANUEL

In the day they got here, they got here at nighttime. No one saw, no morador here saw them arriving. When morning came, as we woke up, they were all setting up their huts, and arranging themselves inside them. And they had good manners, they called us there, talked with us, and said, “well, boy, this... you know that your boss, you have no boss now, and besides, your boss has no condition to give you work any more. You are all going to starve, and it would be better if we got together, unite ourselves, so that the Incra comes here and expropriates this place here. That is better than starving – if we plant, we will get enough to eat, so we won’t starve”. So they got here with nice phrases, and we joined them. The union also came with them, also saying the same things.

morador of the engenho São João, interviewed in September 1999 by Hernán Gómez and Frédéric Viguier.

Incursions

“Look, you go over there, the encampment is right over there...” And he pointed, “there are those people from the sem-terra, you will see a red flag right away, so you go talk to them and then stay there.”

Many people joined the encampments after the occupation. They heard about them on the radio or the television, or still from their acquaintances. They told

us how it was that they went to the camp, asked if there was a place for them and if they were permitted to stay, and set up their tents.

Most of the times, it was the men who went in at first. Their families came later. We also came across other situations: single individuals, such as Palmares, who entered Mamucaba after having lost contact with the group he was traveling with in search of work in constructions; and whole groups of people, such as the group of 37 relatives led by Severino that settled in Brejo.

We collected many stories of those that participated of the act of occupation, or that went into the encampment later on. Here, we are going to present parts of one of these stories, the story of José Menezes, who told us about his trajectory and about the moment when he decided to participate in an occupation.

JOSÉ MENEZES

What was my objective? To move forward to the land. Because the land is where I will find, where I will obtain, my subsistence to feed my family and myself. With money or without it, I will work one day here and one day there, and I will work the rest of the time on the land. One day I will go there: this land will give me something, will give me something to eat. I hope someday I will have something, before I die, something taken from the land, with the sweat of my face, my efforts, there in the land. And I will not leave that land. I will be buried in the land. I am part of the Movimento Sem Terra and I will not leave, no way. And the engenho is the engenho Brejo. My parcel of land is in Brejo. That was the result of my life.

*Interviewed by Sergio A. Chamorro Smircic and Richard Braga in September 1999. He participated in the camp in the engenho Brejo and became a *parceleiro* in this same engenho.*

Canvas and flags

When the persons went to the encampments, they took with them objects that they had, such as sickle, hoe, lamp, mattress and pans. The canvas to cover the roof of the huts was another issue. Either the organizers (the unions, Fetape or the MST) provided it during the occupation of the farm, or it was the person's own. Mayors, local councilmen (*vereadores*), Catholic priests and the Incra also helped to obtain the canvas.

In the early occupations MST's red flags were the only ones. Later, the unions began making their own flags, and more recently Fetape also made its flag. They indicate who has organized the encampment.

In 1997, the canvas and the flags called our attention: we saw them in all encampments and references to them were made in almost all reports. As the research advanced, we noticed that they were indispensable to turn an agglomerate of huts into an encampment: the canvas and the flags conferred them a mark.

"My home was that black canvas over there."

DANIEL PEDRO

I do not have a house. I have already said that I am homeless. There was no house, no food. A place to live is a house, isn't it? No food, no land. So then I ended up in here. My home was that black canvas over there.

interviewed by Lygia Sigaud in September 1997, in the Brejo camp.

"This red flag, wherever it is placed, that place is won. I still haven't seen it be placed without winning."

TADEU

[Who makes the flag] *is the union itself, the boys from there. Or we make it*

ourselves. The numbers come from there, we buy the cloth and we send for the numbers. That is our way here: the flag is made of cloth, one only has to sew the cloth. We buy the cloth and the boy paints it and puts on the emblem, the numbers. Now, this time, in the last congress, the one that has just happened, we bought the flag at Fetape. We bought the whole flag. For the encampments. It can be found in Fetape. When we had a meeting, we discussed that. All of the unions were interested in making encampments, so they would buy the flags...

(...)

[the flagpole] *is made of imbaúba.*

– *they climbed up the tree and tied it.*

– *It was very high, one could see it [the flagpole and the flag in the Mato Grosso encampment] from far away.*

financial director from the Rio Formoso union, and workers from the engenho Pedra de Amolar interviewed by Lygia Sigaud and Sergio A. Chamorro Smircic in September 1999.

UNDER THE BLACK CANVAS

Location

"We always look for a higher place to set up the camp. It is better if no road reaches us."

All the camps were similar in their form. They were made with the same materials, placed in similar locations, with the huts aligned so as to form streets. There was a labor division organized by means of committees, which cared for safety, health, food, etc. Everyone planted crops as soon as the occupation was made.

"The encampments are always located on elevations, near the woods and close to some creek (...) the vegetation provides the wood needed to build the tents and to be used as firewood. Besides, the forest is an alternative escape route in the case of a possible attack, and also serves as bathroom. The camp must be placed up high, so as to favor a good visibility, and free routes for access (...)."

SERGIO A. CHAMORRO SMIRICIC, *Com a cara e a coragem. Uma etnografia de uma ocupação de terras.*
MS thesis, UFRJ/MN/PPGAS, 2000, pp. 42-44.

Survival

Becoming part of an encampment did not result in any interruption of the activities that ensure the family's survival. Many people kept on working in the sugar cane fields, with occasional jobs in constructions, as private guards, street peddlers, crab catchers in the mangroves, etc. Once they are camped, they also have access to other resources: foodstuff from the food aid sent by the Federal Government; donations by store owners, mayors and priests; and money collected in tolls that they set up on the roads.

ANANIAS

What I used to do? I went out, worked over here for three days, and then I would go to Tamararé. From there I went to the mangrove [to catch crabs], arranged some money for the family to buy a few things at the street market. Then I would come back again, start working here again, and when the weekend came, I would go back there, catch some crabs. I used to go from here to there. I used to get some manivas there, here I couldn't get any, some little manivas of manioc, planted it on the land, because here I couldn't get any, you see? At that time there wasn't any... It was so difficult for us to plant. I used to bring some bunches of manivas from there to plant here, but if it wasn't for that, we wouldn't have any.*

interviewed in September 1999 by Hernán Gómez and Frédéric Viguier. He participated in the camp at the *engenho* São João and there he became *parceleiro*.

* *Maniva* is the name for a cutting of the stalk of the manioc plant that is used as "seed" to reproduce the plants [translator's note]

MARIA

But during the milling season, there were some people, lots of people used to go out [from the Minguito camp] to work. But that had been permitted by the union itself. Those people, you see, the food aid was supposed to nourish those who were there: but for people who had 10 or 12 children at home, it wouldn't be enough (...) So those people... There were some people from the Cucaú sugar factory, they still lived in the company's houses, and they had the right to work during the milling season so as not to lose the house. If they lost their house, where would they live? (...) So these people were permitted to work. Now, when Saturday and Sunday came, then they came over to the camp, spent their day in here. Some of them went back to their jobs yet on Sunday, others would only go back Monday. It was something the union itself permitted.

interviewed by Benoît de L'Estoile in September 1999. He participated in the camp at the *engenho* Minguito and became *parceleira* at this same *engenho*.

FOOD AID

"The Government supported us with the food aid [cesta básica]."

Whenever there was a meeting, I went there, I spent the day around there, inside, around Minguito. I used to get food aid from the Incra, it gave a little food aid for us (...) I got two food aid packages each month (...) The food aid, we kept receiving it for one year and six months, we still received it from the Government, without interruption. The Government supported us with the food aid. There were beans, five kilos of beans, five kilos of corn flour, five kilos of pasta, ten kilos of rice, one kilo of salt. And that was all.

GERÔNICO, interviewed by Benoît de L'Estoile in September 1999. He participated in the camp at *engenho* Minguito and there he became a *parceleiro*.

ROAD TOLLS

"We got together to do what they called road toll, to ask for money along the roads."

We gathered to, let's say, to do what they called toll, to ask for money along the roads, to stretch out those strips of cloth, to stay there and ask for money. Some people give one real, some don't give anything (...) some even like it, they get there, instead of giving one real, they give five. They say: "If I had more change, I would give more". But some people come along [and say]: "You bunch of thieves, son of a bitch!" and go away – if you don't get out of the way they will run you over (...) I did it, but only twice. For me it was no good, not at all. I say: Oh man, me, begging, that ain't no good for me (...) I am used to working, that's how I make a living, I don't like that at all.

TRAÍRA, interviewed in September 1999 by Alexandra Barbosa da Silva and Marie Galle. He participated in the Cipó camp and there he became a *parceleiro*.

ASKING FOR MONEY IN THE STORES

"We are grateful to those who collaborate."

At first, right in the beginning, the union gave us [help], but then the union wasn't able to help any more. Then (...) we used to get a paper and to go around (...) It was a paper with a text telling about the conditions of our life in the camp, to be shown at the supermarkets and stores, so the people would read it and help us.

We, rural workers, camped in the engenho São João, in the municipality of Tamandaré, ask all those who may help us to give any kind of contribution, for we have so many families in a situation of severe misery, without the least conditions for survival, while waiting for the legal possession of the land so we can finally ensure our liberation and live with dignity with that aim. We are grateful to those who collaborate.

JOSÉ COSTA, interviewed in September 1999 by Hernán Gómez and Frédéric Viguier. He participated in the camp of the engenho São João and became a *parceleiro* in this same engenho.

HELP BY THE MAYOR

"Sometimes they gave us up to three hundred and twenty reais."

[We got help from the municipal administration] of Rio Formoso. The one in Tamandaré did not help at all, we used to go there, but they wouldn't give anything. Now, in other municipalities, they helped, they still help, sometimes one goes there and they still give (...) They [from Rio Formoso] gave a ticket and told us to buy at the barracão right by the gas station. Sometimes they gave us up to three hundred and twenty reais.*

JOSÉ COSTA, interviewed in September 1999 by Hernán Gómez and Frédéric Viguier. He participated in the camp at the engenho São João and there he became a *parceleiro*.

* A general store

Leavings

"Because not everyone is resistant. Not everyone. Some people desist from it. And then they say: 'I will not go again because I was evicted, I am not going to get land any more'."

The workers frequently left the encampments. Sometimes they did it because they had obtained a job, as with Palhaço, from Mamucaba. Misunderstandings with neighbors, fear of an attack, lack of enthusiasm, and loss of hope were other reasons evoked for the leavings. It was also common to leave an encampment at a certain moment, and then come back to it after some time.

ZINHO

Here in [Mamucaba] it is different, because here if someone says: "I am going away!", if that person wants to come back again later on, if one regrets it and wants to come back, we accept him, you see? But there [in other camps] it is more difficult! It is more complicated. If one says: "Look, we are going away", then he counsels us not to leave. If we want to go, he says: "If you want to go, you go, but there is no coming back..." That means, I don't want to go back,

you see? I don't want to go back there, no I don't. But if I do go back, they will probably say: "You left, so now stay away..." Here it is different, it seems that the persons here are even more humble towards one another, you see?

interviewed by David Fajolles in September 1999 in the Mamucaba encampment.

GERÔNCIO

Yes, there was a lot more! There were more than 150 persons [in the Minguito camp]. They were afraid and gave up. Because we used to hear it on the radio all the time: "There was shooting against the sem-terra, two or three were killed". So the people became afraid. I was suspicious too, you see, I said: "Man..." I slept very little, thinking that the police could come, there could be shooting and we could be killed. And someone in this situation, what would one imagine?

interviewed by Benoît de L'Estoile in September 1999. He participated of the encampment in the *engenho* Minguito and there he became a *parceleiro*.

Eviction

"He gave orders to burn the flag, but I didn't permit it. He ordered the police to burn down the huts, but I did not permit it."

Most of the encampments that we studied have been subjected to judicial eviction processes. After the occupation, the owners of the farms went to court claiming their property rights. The judges accepted the claims and ordered the eviction, which was accomplished by court summons servers together with the police. The workers left their huts and crops and went away with their personal belongings and the canvas.

MÁRIO

We were subjected to many evictions [in Cipó], we were evicted six times. So, we went to one place, then to another. Used to get our stuff, put it over our heads, and down we went through the woods. "Let's get out of here, let's

go somewhere else, come on" (...) Police would come, make us run, we used to go to another spot... [we thought] "no way they will come to this place". Then they would come again (...) those people all with guns.

interviewed in September 1999 by Alexandra Barbosa da Silva and Marie Gaille. He participated in the Cipó camp and there he became a *parceleiro*.

BEZERRA

Yes, when we got here [to the Cipó camp], after two days here, the police put us out. They did not beat anyone, you see? There were six policemen. In the first time, there were six of them. On the next time, there were ten. They came with the owner, the owner was mad, we put the children in front, the women, and we sat down to talk with them. Then they made the eviction.

interviewed in September 1999 by Alexandra Barbosa da Silva and Marie Gaille. He participated of the camp at Cipó and there he became *parceleiro*.

PALHAÇO

The eviction [at Mamucaba]: we got there, they ordered the man to sign a paper. He signed it. After he signed it, they tore down the huts and burned them. It was about ten o'clock, something between ten and ten thirty a.m. There were 63 policemen in that day of the eviction. There was a bus, and also some smaller cars full of policemen, opening the road. They came up, they came here, all with guns. They ordered us to take out all of our things. We took away the children, took out our things...

interviewed by David Fajolles in September 1999 in the Mamucaba camp.

JOSÉ MENEZES

[In the encampment] of Frescondinho, after six days there was an eviction. With gunmen from the sugar factory and the police. Three squads. There were three battalion of the police, they set up three squads of the police on the road, plus a truckload of gunmen from the Estreliana sugar factory, there was this truck full of policemen from the Estreliana sugar factory, how do you call them? Gunmen.

But on this day when they came, the people were all out at the Incra, negotiating, and the only one home was me, her [his wife], and a few old fellows that had stayed home. And I was the one who faced it all, I went there to negotiate with the judge. But the judge didn't want no negotiation. He gave orders to burn the flag, but I did not permit it. He ordered the police to burn down the huts, but I did not permit it. So we took all the people's things into their trucks, because we don't like to ride in the trucks the police brings to the evictions, we have to ride in our own trucks. We ask for them, we rent them, we try to arrange them with the mayors, but we don't like to deal with the police to get a truck.

interviewed by Sergio A. Chamorro Smircic and Richard Braga in September 1999. He has a parcel of land in the *engenho* Brejo, and participated in more than one encampment, Frescondinho among them.

Attacks

"Working tools were our only weapons."

Not in every case did the owners of the estates go to court to claim back their lands. Some preferred to use their private militias. They sent strongly armed henchmen to the encampments, to expel the workers and tear down the camp's structures. In the attacks against the *engenhos* Mascatinho (1997) and Mato Grosso (1999), some people were hurt. In the *engenho* Mamucaba (1999), the huts were set on fire. The police intervened during an attack against the *engenho* Brejo (1997) and arrested the henchmen, who presented themselves as employees of the Central Barreiros sugar factory responsible for safeguarding the company's properties. On that same night, the judge ordered these company men to be released. In the following transcripts, the workers report facts that they have witnessed or that they have been told about.

Attack against Mato Grosso encampment

– But when morning came, Tuesday morning, during the nice day when that fact happened, the manager and the owner of the engenho came...

– The overseer, wasn't it?

– ...The overseer of the engenho. So they both got here and asked what was the order. I said, we are here waiting for the orders of the Fetape, of the Incra, which are the people's organizations that always take care of us. Then when it was between 3:30 and 4 p.m., we heard the noise of a motor, of a truck, and here it comes, in the direction of our camp, all of us over there. Then they stopped, they kept a good distance, and they didn't get too near. Then they started. When they stopped, there were many men, not just 30 or 40, there were more than 60 men, all heavily armed. All with weapons. So they started to use the fireworks, they started the fireworks. And all of us there, we didn't want to leave, none of us had any bad intention. So they kept on sending out the fireworks, and in the middle of the fireworks, they started shooting. I realized that they were firing bullets, when I saw two bullet holes in a Macaiba tree inside the camp. So I bent down and started crawling away. I went away, I left, but when I had walked for about 35 yards, I came upon a pool of blood on the road: a comrade had already been shot. He had been shot, and I was stepping over the comrade's blood. There were still some people behind us. At that moment, I felt somewhat quite a bit heavy because I had been stepping on blood. Then, when I thought that I could relax a bit, as I was going in the direction of my place, each one was going towards his home, his house, they pushed us off, destroyed the camp with the tractors, you see? We were thinking that everything was over, that peace was back. Then a group of horsemen appeared, following us – we were coming along the road, each one with his bundle of things on top of the head, in bags, on our backs, and we were running. Running towards home. Then they persecuted us by horse for more than three kilometers along the roads, shooting as they could. The greed to shoot was so strong, they really wanted to kill. The greed was such that if someone fell down on the scrub, he would have to run from there, he would have to run for life. So that is what I saw over there, it was something sad, horrible, something that I think should never have happened. I stayed there, I got a trauma from what happened, all that I saw there.

– Then when it was about 3:30 to 4 o'clock, as he said, we heard the noise of a motor, and then it was real shit for us. When they started with the fireworks, as he said, it was the fireworks together with the shots of a 12" rifle, something that sends out very strong shots. When they got close, we were still there and they really started shooting at us, as he said, and the woods got really full of people. Just at that moment, we ran for the road, and we saw the boy with blood, he had been really shot. Then there were about five of them coming, or maybe six, on horses, wasn't it? So it was. I even said: Look, Paulo, let's go. He was carrying a bag, he had to leave it and run away. If you did not hide, you would die. So everyone had to run into the woods, I myself fell down, hurt myself, I got all cut. I am sure they thought they had shot me. We ran for the woods, and that was our luck, because if there were no woods around, I am sure someone would have been killed.

WORKERS FROM THE ENGENHO PEDRA DE AMOLAR THAT HAD BEEN AT THE MATO GROSSO CAMP
interviewed by Lygia Sigaud and Sergio A. Chamorro Smircic in September 1999.

The fate of the camp dwellers

"Then we came back and raised the flag. We raised the flag and we never left that place."

What happens with encampments that have been attacked or evicted? There is no single answer.

After the attack against Jundiá (1997) the workers dispersed. Those who were attacked in Mamucaba (1999), by their turn, regrouped and made their huts again in the lands of the *engenho* Brejo, which had been expropriated. Those that were in the Mato Grosso camp (1999) went to the Minguito camp, which also had been expropriated. In Brejo and Mascatinho (1997) there was no dispersal of the workers.

After being judicially evicted, many encampments were rebuilt in another place. The one in São João was rebuilt in a area of land belonging to the rural

workers union in the town of Rio Formoso; the Cipó camp was installed in the neighboring village of Vermelho; Mascatinho and Baetés were improvised along a road; Minguito was transferred to the Serra d'Água camp. After some time, the camps were rebuilt in the lands where expropriation was intended.

What is the fate of the encampments?

Some were dissolved when it became clear that the lands would not be expropriated. That is what happened with São Manuel. There were also those that were ended after the expropriation had been assured (Amaragi, Sauezinho, Saué Grande and Coqueiro). The other ones were maintained until the expropriation and the legal possession of the land by the Incra were done.

Of all the encampments that have been studied, Mamucaba is the one that is lasting longer. After having been established in 1998, it faced successive attacks and evictions. The more recent attack against it happened in May 2002 in the *engenho* Bombarda, to which the workers had moved to in April.

MIGUEL

We occupied São Manuel. People said that the land was not productive, so we were going to receive the land (...) So I also came, I wanted to have a field with crops. A whole bunch of people came, thinking they would soon be working. But it was the opposite. Each one built his little hut and we kept waiting for the orders of the men. We waited and waited, and that was when Mr. Manuel Antonio appeared and said: "This is all mine". We didn't say a thing.

Interviewed by Alexandra Barbosa da Silva and Marie Gaille in September 1999. He participated of the encampments at São Manuel, Cipó, São João and Brejo, where he became a *parceleiro*.

SEBASTIANA

*We stayed in the São Manuel encampment for about two, almost three years. The encampment did not go ahead, and we went back to Tamandaré. The people who were there went to the *engenho* Cipó. The Incra had made an assessment of São Manuel, but the owner of the *engenho*, he had*

already sold it and the Incra couldn't do anything about it. So then a group went to Cipó. But we didn't want to go to Cipó, we came back home, [Cipó] was too far away, it was very far out for us, very far out. So after six months some people came to talk with me about invading another engenho, and I said: no way.

interviewed in September 1999 by Hernán Gómez and Frédéric Viguier. She participated of the São Manuel camp, did not want to go to the Cipó camp, but ended up going to the São João camp where she became a *parceleira*.

JOSÉ VITOR

After that it was finished. Then we went out because Incra came to do an assessment of the engenho, you see? The experts came. So when the experts came, the man said: "You are there in the camp just because you want to, because you have your own houses (...) You are old time resident workers [moradores]. You live on the engenho. No point in moving to the middle of the woods. You should live in your own houses. That is no problem. This business of encampments happens when the Movimento Sem Terra comes (...) it has no house for you to live in. You set up the camp and then stay under those shelters. But there is no need for you to do that (...) " So that was it. Since then, we have been waiting for the result: for the man to come and make the listings, and after the listings comes the division of the land, we acquire possession of the land allotments.

worker of Sauezinho interviewed by Lygia Sigaud in September 1997.

RONALDO

After 22 days we went out [from São João]. We were evicted. The judge told us to leave after 22 days (...) Then we went to Rio Formoso, to an area of land belonging to the union, and we spent 9 months there.(...) then we came back and raise up the flag. We raised the flag and we never left that place.

interviewed in September 1999 by Hernán Gómez and Frédéric Viguier. He participated of the encampment at the *engenho* São João and there he became a *parceleiro*.

Mamucaba, the wait [18 minute long video]

Produced from images collected in September 1999 in the Mamucaba encampment organized by the Movimento dos Sem Terra in Tamandaré municipality, the video seeks to reproduce a moment of doubt and uncertainty with regard to the occupation of the land. Should the participants continue or desist? The film is an anthropological approach, presenting individuals' testimony and the debates that rocked the encampment, without resorting to voice-over explanations. The rural workers portrayed explain in their own words, with their own priorities and individual contractions, politics within a shaky, uncertain citadel.

DAVID FAJOLLES

Acquiring legal possession

"From this moment on, the land is yours."

In almost all of the cases of occupation that have been studied, Incra accepted the requests for expropriation put forth by Fetape or MST. It made the assessment of the estate; after the lack of productivity of the land (which the law defines as a condition for expropriation) was established, it took the necessary legal steps; then it sent the expropriation decree for the President of the Republic to sign. Afterwards, it acquired legal possession by the legal procedure known as *imissão de posse* (which is the procedure by means of which Incra becomes the owner of the land).

Many of the legal processes were long and dotted by conflicts. The claim for the expropriation of Sauezinho, an *engenho* belonging to the Santo André sugar factory, for instance, was made in May 1997. But it was only expropriated in July 1999. The owners tried to avoid the expropriation of Sauezinho and four

other *engenhos* that they also owned (Coqueiro, Cocal, Cocalzinho, and Saué Grande) which had been claimed by Fetape, so they became involved in a conflict with the workers and the union leaders. Zé Pequeno, the local union delegate at the estate, was expelled from it and his house was destroyed. The same happened with Tôca, another union activist. Both them and Jaiso de Lima, president of the union of Tamandaré, were judicially forbidden, at the owner's request, to enter the *engenho*. About 100 workers from Sauezinho and of the other *engenhos* remained camped for 45 days in the sidewalk in front of the Incra headquarters in Recife, starting in March 1999, to demand that the expropriation process be sent to Brasília.

LICA

Incra gets here, and there is an official that comes from the Incra itself. So it gets here and gathers the workers, and he reads the paper aloud: "From this moment on, this land is yours. You are the ones who decide. If one wants to take away a single coconut, he can only do so with your permission. A stalk of cane, or whatever there is inside the engenho, one can only take away if you permit it". Then he reads out what belongs to the boss. The boss may take out his belongings: bed, plates, the things from inside the house, he may take away. Tractor, truck, all of that he may take away. But if there are any crops, the crops he may not take. There may be a vegetable garden, a sugar cane field, or coconuts. That is what happened in Cipó, he went there and got a bunch of coconuts, we went over to him and took it back: "No way, you are not drinking any more coconut water from here no more".

interviewed by Lygia Sigaud in September 1999. She participated in various encampments, became a *parceleira* in Cipó and in 2002 moved to Laranjeiras settlement, also in Tamandaré.

APOLÔNIO

A group of people from the Incra came here, some doctors, both men and women doctors, and they called us for a meeting there in the row of houses,

together with the resident workers [moradores], and that was when they told us about many important things that we didn't know. They said that from that date on, the engenho was owned by the people. Because before that, no one knew that it belonged to the people, it was known that it belonged to the owner. So at that time, the women doctors came, they talked a lot with us, and they said that the engenho now belonged to the people, because Incra was the owner, the owner was not the owner of the engenho any more (...) So then we were sure. It was safe, we would not have to leave any more, because Incra was going to divide the land into parcels, and give each one his parcel, as it in fact happened.

interviewed in September 1999 by Hernán Gómez and Frédéric Viguier. He participated in the São João camp and there he became a *parceleiro*.

Settlements (*Assentamentos*)

With the acquisition of legal possession of the land, the landowners leave the stage and Incra begins exercising its power. For each estate that had been expropriated it established a settlement project; selected those who could stay; established the size of the parcels (determining the location of individual and collective areas, the areas for agriculture and those for cattle raising), and the soil conditions. It also determined that the workers must create an association to represent them, and that only through such an association could they receive loans. It demanded that they present their requests as plans and projects, introducing another intermediary: the technical consultant. Finally, Incra gave them new names: *beneficiários* (beneficiaries), *assentados* (settlement dwellers), *parceiros* (land parcel owners).

THE CHOSEN ONES

"I have faith in God that I will be approved in the selection. I am

the father of a family, full of children, and I am a working man."

The law determines that the first beneficiaries of expropriated lands be those that already work on them. After the resident workers [moradores] of the estates received their share, Incra considered as legitimate candidates those that were in the encampments, as long as they had some previously defined qualifications (being a rural worker with a family).

The listings of chosen candidates were established by means of negotiations involving Incra officials, camp organizers (union leaders and/or MST militants), and workers of the *engenhos* and camp dwellers. When not all of the camp dwellers that were seen as apt candidates could be provided with land, Incra committed itself to assisting them in future expropriations, as happened in Cipó: eight persons were afterwards transferred to Serra d'Água and Amaragi. The location of the land parcels and their distribution among the beneficiaries were negotiated between workers, union leaders, militants and Incra officials. In São João, lots were cast to decide it, while in Amaragi choices were made.

So, we have to look at the map. Here are the woods... This block over here on area 101 is forested land. The area 113 is a community area. Area 97 is the agro-village. Area 114 is collective. Down here are the last parcels. This block from here down, 109, 116, 112, 107, all of these blocks down here are reservations, which join this area of woods here. That amounts to 216 hectares that are under permanent preservation, corresponding to 20% of the estate. Then there is the remainder, here, where the parcels start, in here.

CHIQUINHO President of the Association of the Amaragi settlement, explaining the spatial distribution of the land parcels to Benoît de L'Estoile, in an interview made in September 1999.

CREDIT

"The bank never forgives."

Once they have been settled, the workers acquired the right to be supported by the Federal Government, something that they had never imagined: the right to receive resources to install themselves in the settlement, to build a house and start producing crops. But it was not always easy to obtain that money. Many times, to be heard, they had to set up new encampments, now in front of the Incra headquarters in Recife. But the greatest problem seems to be the one they face now: to pay the banks.

*The crop production loan amounts to R\$ 1.300,00. It is just a little, it is not enough for anything, it is just a little help for the *parceleiro*, just an aid for the small ones. The biggest loan for the settlements here in Pernambuco is the credit program called *Procera*: it gives R\$ 7.500,00. The little one [crop production loan] is hard to come by, so you can imagine how it will be with the big one. For the money to come along... it will come, but only with much fighting, much struggle (...) It would be better if it didn't have any interest, because the small farmer, as the name says, is small, he is short. But the bank never does anything to lose money, only to make money. [The interest rate] is not so bad, it is 6%. But anyhow, many people are going to be squeezed to be able to pay, because of the small area of the parcel, because of the cost of the chemical products for the land. You see, sometimes we make a survey for a project to plant a certain kind of crop that we believe will grow well, and then we plant and it doesn't go. That means the worker, the *parceleiro*, is done with, he is finished because the bank never forgives. The agricultural experts themselves said that the bank never forgives. If you plant a crop and the land does not permit that crop to produce, the bank makes an agreement with the *parceleiro* and he has to pay, that means that the *parceleiro* is squeezed even further. If the land permits the crop to produce, he will be able to pay, with the 6% interest. Now, there is also that loan for*

housing, that one you had to sign in, and no interest is charged. This one we will pay in five years time, it seems that you wait for five years before you start paying it, and you pay it without any interest. Then it is good, this one is good. Without interest, one is able to pay.

MANUEL Interviewed by Hernán Gómez and Frédéric Viguier in September 1999 in the *engenho* São João.

ENVIRONMENT

“If they catch someone cutting down a tree, Ibama gets that man and throws him in jail.”

Most of the settlements that have been studied are within the Area for Environmental Protection (*Área de Proteção Ambiental*, APA) of Guadalupe. Created in 1997 by the Companhia Pernambucana de Recursos Hídricos, an agency of state government, this APA includes part of the territory of five municipalities in the southern coast of Pernambuco. Its objective is the legal protection of that area so as to conserve water resources, mangroves, and the remainders of the Atlantic Forest. From the viewpoint of the directors of the environmental agencies, the settlements are a “risk factor” for the preservation of the ecosystems and thus should be kept under surveillance. The rounds of the Environmental Police within the expropriated areas are frequent, and there are special directives for the use and occupation of the soil in these areas, only to be accomplished according to the standards set by the environmental legislation.

“... We should add that constant inspection is essential in those areas (land reform settlements), as well as the presentation of the basic environmental directives, so as to ensure the preservation of these natural resources as well as the sustainability of the agricultural and cattle raising activities. The occupation of the sectors in some of the estates is already consolidated and in many cases it is precarious and includes areas that are little suited.”

CPRH 1998. *Technical and Environmental Standards for Rural Settlements within the APA of Guadalupe.*

I still can get an ax, I can cut down some wood, still. But if they catch someone cutting down a tree, Ibama gets that man and throws him in jail. We don't have the right to do that any more, and that's ok. One cannot destroy the forests any more, finish them up. That is a crime, but at that time we still did it.

JOSÉ MENEZES, interviewed by Sergio A. Chamorro Smircic and Richard Braga in September 1999. He participated in the Brejo encampment and became a *parceleiro* in this same place.

HOUSE, CROP FIELDS AND DOMESTIC ANIMALS

“I am happy with my parcel. I am well satisfied and I will fight for it. It is all just beginning.”

During the research, we met different evaluations concerning the life in the settlements: some missed the protection that used to be guaranteed by the former boss, as well as the safety of having a weekly payment, but this was mixed with the feeling that they had obtained important gains. For many that used to live in a house provided by the boss, or in precarious housing in the suburbs of the small towns of the Zona da Mata of Pernambuco, to have one's own house was a very important change. As Quitéria, a former resident worker (*moradora*) of the *engenho* Amaragi, told us: “I could never have dreamed of this!” To be able to plant crops and raise animals freely “is a lot better, ten thousand times better than working for the boss”, as Manuel, a former *morador* of the *engenho* São João, emphasized. Finally, many men and women with whom we talked in the settlements highlighted the feeling of freedom, of not being subjected to a boss. As Traíra, a worker that had been settled in the *engenho* Cipó, solemnly said: “Here we are the owners of the land. It is ours, we don't have to follow someone else's will, we follow our own will”.

MATERIAL CULTURE

"We stayed here because the bigger our 'numberity', the greater is our confidence to stay in place."

Every time we visited the camps, we observed that the number of persons was much smaller than the number of huts. Many men went out to work in the *engenhos* or to look for odd jobs. The women, children and retired elderly remained in the camps. Some of the participants would only sleep there a few days a week. Others sent a relative to represent them. What made them part of the encampment, their actual presence notwithstanding, was the fact they had made the hut. It was the symbol and the proof of their commitment.

GERÔNCIO

"Bring working tools, bring hoes, bring a pot to cook, a sauce pan, an old kettle, and a sickle. You may come, the car is here". So we went, we got a sickle, a gas lamp with gas, we bought gas and went into the car without even knowing where this Minguito place was.

interviewed by Benoît de L'Estoile in September 1999. He participated of the camp in *engenho* Minguito and became *parceleiro* in this same place.

DANIEL PEDRO

This isn't good, not good at all. To sleep wrapped up in black canvas, with the rain falling down on you, in the middle of the scrub, lying on the mud, is that any good? It isn't good at all. This life of ours isn't good at all. But we are going to risk it and we expect that it will become good later. Do you get it?

interviewed by Lygia Sigaud in September 1997 in the camp at the *engenho* Brejo.

ON THE BORDER OF THE INTENDED LAND

The encampments proliferated in the lands of Pernambuco in a moment when the sugar cane and sugar production was being reduced, some companies were being restructured, many were bankrupt, and unemployment was massive. All these facts were related to changes in the government policies concerning the sugar cane agro-industry in the Northeast. After guaranteeing for many years the prices of sugar and sugar cane in domestic and foreign markets, by means of subsidies, the government interrupted those guarantees so as to adjust itself to its neoliberal outlook.

In this context, MST militants coming from the south of Brazil arrived in the sugar cane zone of Pernambuco. They allied themselves with the union leaders and began organizing joint occupations of lands that could be considered unproductive. Then they invited the unemployed, those who lived by doing temporary jobs, those who believed they might soon lose their jobs, the poor people of the suburbs. They made incursions into the *engenhos*, made their huts and raised their flags. Many bosses, weakened, could not preserve the inviolability of the territories of their estates. Some landowners would rather have them expropriated and benefit from the indemnities, while others resisted.

Since 1995, Incra expropriated many of the lands upon which encampments had been established. Lacking a systematic policy for the expropriation of unproductive lands, this agency became the beneficiary of the work made by the MST and the union leaders, which indicated, by means of the encampments, the areas that should be expropriated. From 1996 on, the Fetape and the unions, on the one hand, and the MST, on the other hand, began promoting separately their respective land occupations. These were multiplied and Pernambuco became the Brazilian State with the most encampments.

During this period, occupations followed by encampments became

established as the proper form of presenting demands. The occupations of the *engenhos* became the best way to request the expropriation of land. As for the occupations in front of government buildings, their objective was both to accelerate the expropriation procedures and to request the release of resources by the Incra. This happened because people realized that, to be heard by those that had the power to help them, they had to suffer life under the black canvas or to keep vigil in front of government buildings.

In September 2000, the president of the Republic signed a provisional act prohibiting the expropriation of lands that had been occupied and punishing those that participated in occupations of government buildings (excluding them from the benefits of the land reform program). This provisional act, which has been maintained since, has inhibited the establishment of camps within the *engenhos*. They started to be made besides the estates, on the border of the intended lands.

Camaçari

“The history of this encampment [Cipó] is a long history (...), this struggle here started in Camaçari.”

Camaçari was the first encampment made in Rio Formoso and also the first joint action of union leaders and MST militants. An estate with 2.800 hectares, it was believed that Camaçari was the property of the National Railway Company (Rede Ferroviária Nacional), and was being used by the Cucaú sugar factory. It was occupied in April 1992, just as the sugar cane harvest was coming to an end. About 1.200 persons entered this *engenho* – men, women, and children. MST militants in Rio Formoso and in surrounding municipalities (Vitória de Santo Antão, Escada and Barreiros) had gathered most of them. Once inside, they set up a camp and began to demand the division of the lands to the state government, and also the distribution of seeds, foodstuff and canvas to cover the huts. The news reports presented them as workers that had

lost their jobs with the end of the sugar cane harvest. At that time the journalists still didn't use the vocabulary that we have grown accustomed to ever since: “invasion”, “sem-terra” (landless), “land reform”. The camp was soon evicted by the Military Police. The sugar factory was able to prove that those lands were its property. Many went back home, but 800 workers went on to Vermelho, an old settlement that Incra had made. There they set up another encampment, giving rise to trajectories that included passing through various encampments. We collected many narratives about these trajectories. The facts were narrated to us as if they constituted a real saga.

SAGAS

Cabeludo

Camaçari > Vermelho > Frescondinho > Barreiros (club) > São Manuel > Barreiros > Bom Futuro > Gameleira (city) > Monte das Cabras > Rio Formoso > (interrupts the saga, goes to formation courses) > Cipó > Vila Vermelho (Santo André sugar factory) > Cipó (becomes parceleiro)

Jaíso

Camaçari > São Manuel > Cipó > São João (becomes parceleiro)

Nanã

Camaçari > Vermelho > Frescondinho > Rio Formoso (union) > Cipó > Vila Vermelho (Santo André sugar factory) > Cipó > Serra d'Água > (becomes parceleiro)

Zé Menezes

Camaçari > Vermelho > Frescondinho > Rio Formoso (union) Monte das Cabras > Mearim > São Manoel > Cipó > Vila Vermelho (Santo André sugar factory) > interrupts the saga to work > Brejo (becomes parceleiro)

Lica

Camaçari > Vermelho > São Manoel > Vila Vermelho (Santo André sugar factory) > Cipó (becomes parceleira)

Amaro

Camaçari > Vermelho > Frescondinho > Barreiros > São Manoel > Cipó > interrupts the saga to work > Mascatinho > Brejo (becomes parceleiro)

Severina

Camaçari > Vermelho > Frescondinho > Serrinha > Goes back to the city of Rio Formoso > Minguito (becomes parceleira)

UNIONISTS AND MILITANTS

The occupations and expropriations that we have studied would have been unthinkable without the participation of the union leaders and the MST militants. They chose the *engenhos*, invited the people to occupy them, organized the camps, presented demands to the Incra, followed up the judicial processes and led demonstrations to press for the expropriations.

During research we established a closer contact with some of them. Here, we will present them and transcribe some parts of their statements, in which they give their account of the facts and narrate part of their life histories.

Jaíso de Lima

He was the financial director of the union of Rio Formoso when the occupations began. He participated in Camaçari and various encampments that followed. In 1995, the district of Tamandaré ceased to be part of the municipality of Rio Formoso and became a municipality itself. Then a Rural Workers' Union was founded and Jaíso was elected president. During his mandate many occupations and expropriations happened, including São João, where now he is a *parceleiro*, besides the ones at the five *engenhos* belonging to Santo André sugar factory: Sauezinho, Saué Grande, Cocal, Cocalzinho and Coqueiro.

“Land reform is the only way, because who loses his job does not cease to exist, he will have to find something to work on and a way to make a living.”

When I passed by the engenho [Sauezinho], I used to say that the workers knew best. But the only way out for them was land reform, because since the sugar factory had a debt with them, which it wasn't paying, and the debt was getting larger, the only way was to struggle for land... To claim their rights in court and to demand the expropriation of the land. When time comes for the engenho to be expropriated, the sugar factory will... Incra will pay the sugar factory, you see? So when it gets paid, the sugar factory will have the money to pay for their labor debts.

We invite them [the workers from the engenhos belonging to Santo Antonio sugar factory] for a meeting. Then we talk to them about the present situation. The situation some time ago, ten years ago, the facts at that time were one thing, you see? Many people with jobs, the bosses were looking for still more workers to employ. Today, the facts are what anyone can see, the workers are losing their jobs. The only way is really land reform, because he who loses his job does not cease to exist, he will have to find something to work on and a way to make a living.

interviewed by Lygia Sigaud in September 1997.

José Augusto da Silva, Cabeludo

He was in Camaçari and in the following occupations, and became a MST militant, organizing various encampments. He is the grandson of Amaro Pedro, an activist that helped organize the strikes that happened before the 1964 military coup and member of the first generation of union delegates of the sugar cane region of Pernambuco.

“So that's it, now I go to the end of the line.”

Then, still in 1992, I came to know the Movimento dos Sem Terra. I had already left the [Cucaú] sugar factory. I had no job (...) that was in 1992. I participated in the last meeting [to prepare the occupation of Camaçari] (...)

Then I dedicated myself to life in the camp, and then it came. Some of the people used to study outside, so they invited me, I went to study a little in some courses that appeared, then that was it, from there on I started following what is known as militancy, I went into the movement's militancy. I came back home with my head raised. I said: so that's it, now I go to the end of the line.

parts of interviews made in September 1999 by Lygia Sigaud, Sergio A. Chamorro Smircic, Alexandra Barbosa da Silva and David Fajolles.

Deusdete Maria de Vasconcelos, Lica

She worked at the union in Rio Formoso, and participated in the saga of the occupations, becoming a *parceira* first in Cipó and later in Laranjeiras.

“Comrade, time has come.”

We go over to the suburbs. Yes, we make visits in the suburbs. Does a rural worker live here? How many are unemployed? You see, that is how it starts [the recruitment for the occupations]. Where did you come from? I came from engenho Primavera, from engenho so-and-so. The factory tore down my house, it put me out. This one is a worker, this one we will win over to our side. Look, we are going to call a little meeting, can it be here in your house? We begin to work the comrade's mind. That means not only one or two meetings. First of all we meet many times. With a comrade who lives at the end of a suburb street, then he takes charge of calling in the others. You see, in the community of that street, he knows who is who better than we do. So, we may go there because we know someone, but who knows how this fellow behaves in his street? In his neighborhood? We don't know. But if I live besides someone, I know who he is. So I can be sure if that fellow is ok for it or if he isn't. Then, after we work out one or two comrades for each street, then we ask them to invite a few more comrades. We ask them if we can meet in their house's backyard. You see? Can we? No you can't, but there is so-and-so's house. There is a place there where we play domino, you see, so

then we hold a meeting. Not with too many people, no, just four or five persons. (...) Then, after that, we come by to arrange the day. Get your bomb ready! The bomb is clothes, a small sheet, together with a small package of corn flour, a little piece of meat, whatever you have to eat. Get it together, and at any moment we will come to tell you the day we are going. We are going today. When night comes, we are at the fellow's doors. Comrade, time has come [claps her hands].

interviewed by Lygia Sigaud in September 1999.

Pedro Assunção

Parceiro in Serra d'Água, he participated in the saga of the encampments and has also been a union director and director of Fetape.

“So we started the struggle and the encampments had their beginning.”

(...) the workers began to suffer, because there were massive dismissals, changes in the form of payment, today the sugar factories, they are paying the wages in goods, they are handing out a piece of paper, a ticket to buy things at the store, so we are back to the store system [barracão], back to the mess of the engenhos, the engenhos are coming to an end, workers losing their jobs, so we have the favelas [shantytowns]. (...) But the union should give an answer to the worker, and it did. Both of them appeared, the Movimento Sem Terra, the MST, which is not connected to the union movement, as well as the union movement, both of them assumed the motto of land reform. So we started the struggle and the encampments had their beginning. Here in Pernambuco, the first camp, I can't remember the date, but it was in Pitanga, (...) there in Igarassu.

interviewed by Benoît de L'Estoile in September 1999.

Nanã

He worked in the union of Rio Formoso as a mason and as a driver and participated in the saga of the land occupations.

"I fought a lot. I can't say that I didn't work a lot for this too, together with the other comrades."

I used to do all kinds of work there with the boys [union leaders] also, but I was not fichado [didn't have a work contract]. I have never been fichado (...) I used to work for all the strikes, driving for the union. (...) Then a boy of the MST came here in Rio Formoso and started [to prepare the first occupation in Rio Formoso]. Every Wednesday we had a meeting by the manioc mill that belongs to the municipal administration, every Wednesday: that business of land reform. So I kept coming [to these meetings]. At that time, I was not working. I mean, I was not working because I didn't have a job, you see? I worked for the union. What I know is that they were looking for one [engenho]. We occupied the engenho [Camaçari]. (...) Then we left and came to Vermelho. [After passing by various encampments] we came to this place. (...) So that is what I have to tell about the settlements. I fought a lot. I can't say that I didn't work a lot for this too, together with the other comrades.

interviewed by Lygia Sigaud in September 1999.

José Antonio de Lima, Teixeira

Financial director of the Rural Workers' Union of Rio Formoso and parson of the Assembly of God evangelical church. He was the president of the union when Minguito, Serra d'Água and Mato Grosso were occupied.

"God has his own ways. And he put me here."

I am one of the founders of the union here. Not as a director, just as a member. Participating in the meetings. I was part of the slate elected for the directory many times, but as vice-director, you see, back there. I did not want

to come forward. I would rather stay back. For one thing, I did not want to leave the work of evangelization. But, after all, God has his own ways. And he put me here. And I am also waiting for the day when he will take me out, so I can go and take care of the gospel more than I have been doing. Being here, there is no time left for the work. No time for that. And there is no exact time to work there. There are many meetings here to which I can't come because of the evangelizing work. And there are many meetings of the evangelization work to which I can't go because of the work here.

parts of interviews made by Benoît de L'Estoile and Charlotte Castelnau-L'Estoile in September 1999 and by Benoît de L'Estoile and Lygia Sigaud in September 1997.

José Paulo de Assis

Director of agrarian policies of the Rural Workers Union of Rio Formoso and *parceleiro* at Amaragi. He was the mayor of the municipality when the occupations at Serra d'Água, Minguito and Mato Grosso happened. He provided food for those who were camped and, after the expropriation, acquired products from the settlements to supply the municipal schools. He was president of the union for successive mandates and held an office at the directing board of the Fetape. He received the MST militants in 1992 and, together, they organized the occupation of Camaçari.

"Land reform is everyone's concern."

I am convinced that land reform is everyone's concern. Not only of the rural workers. If we all need to eat early in the morning, at noon and at night, and at all the times one can if there is enough food, so we have to understand this process well, it is everyone's responsibility.

That is why I said to you earlier, that I would like to be able to go have the experience of such a process, of land reform. Anyway, even if it isn't a real land reform, something more massive, I would like to try, while I am still the mayor, to support some settlements, you see? Because usually the workers are taken to the settlements, but there is no follow up. This smells like someone is interested in making the things go wrong.

interviewed by Afrânio Garcia and Lygia Sigaud in September 1997.

José Tadeu da Silva

Former financial director and now president of the Rural Workers' Union of Rio Formoso. He organized the occupation at Mato Grosso.

"If they had a job, I am sure they wouldn't be invading land."

Nowadays, the only reason for land invasions to be happening is because the one who is guilty of all of this is the president. If the president would provide, you know what? Jobs, a company for the municipality, a factory, he would provide jobs for the people. But he lets the people go hungry. (...) They don't really want to invade land, no they don't. They do it because that is the only way, they are forced into it. What would you do in the streets, if there were no jobs? (...) If they had jobs, I am sure they would not be invading land.

interviewed by Sergio A. Chamorro Smircic in September 1999.

Zé Pequeno

Morador of the *engenho* Sauezinho (Santo André sugar factory), he was the local union delegate and organized the camp in the *engenho*. After the expropriation he became a *parceleiro* and assumed the presidency of the settlement's association. By April 2002, he was not holding any office.

"I soon began to understand that my boss wanted to keep a whole lot for himself, so I began to understand that it was no good for me, so I went to the union."

*From when I was 15 years old on, I started to go to the union (...) They wanted to cheat me. I ran for the union (...) Then came the time for the wage bargaining campaign. Just before it was time for it to begin, in September, there were assemblies in the unions. Everything we heard at the assemblies, we took to the workers at the *engenhos*. When October came, it [the campaign] was almost, was just about to stop the workers, to claim their rights. Then we, all of us together, we stopped the workers: "We are on strike".*

(...) Now we have another struggle. Yes, we are organizing the workers to accomplish the land reform.

parts of interviews made by Lygia Sigaud during the month of September in 1997 and 1999.

José Francisco

Parceleiro in Amaragi and vice-president of this settlement's association. He was the local union delegate until Incra expropriated the estate. He is the brother of Zé Chico, who was an activist during the strikes that happened in the period before the 1964 military coup, and was part of the first generation of union delegates in the sugar cane region of Pernambuco.

"Production was zero, almost zero. Then they decreed it as unproductive."

That was during the time when Amaragi was producing a lot, in that period, let's say, 78, 79,80, it processed 35.000 to 36.000 tons! It reached that level of about 36.000. At another time, last year, in this last harvest, which Incra took, we took, it was no more than 5.000. So you see, it came down, you see? So in this later one, which the Incra got hold of, maybe it will reach five, you see? This last one, from 1998, 99, from last year, the harvest that ended now in March, it produced four, at most. Production was zero, almost zero. Then they decreed it as unproductive, you see?

interviewed by Benoît de L'Estoile, Lygia Sigaud and Richard Braga in September 1999.

LONASEBANDEIRAS EM TERRAS PERNAMBUCANAS

Museu Nacional,
Universidade Federal do Rio de Janeiro
12 de agosto a 10 de novembro de 2002
August 12 to November 10, 2002

Curadoria *Curator*
Lygia Sigaud

Concepção Geral e Design de Montagem
General Conception and Design
André Weller

Parte do material aqui apresentado já foi exibido na exposição "Retratos da reforma agrária no Nordeste do Brasil: dos acampamentos às casas". Organizada por Benoît de L'Estoile, a exposição ocupou o hall da Maison des Sciences de l'Homme, em Paris, nos meses de outubro e novembro de 2000.

Part of the material presented here was exhibited in the "Portraits of agrarian reform in the Brazilian northeast: from encampments to houses" exhibit, organized by Benoît de L'Estoile. The exhibition occupied the hall of the Maison des Sciences de l'Homme in Paris from October to November, 2000.

PROJETO "REFORMA AGRÁRIA, MEIO AMBIENTE E PODER MUNICIPAL"
RESEARCH "PROJECT LAND REFORM, ENVIRONMENT AND POWER"

Instituições *Institutions*
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/MN/UFRJ)
Departamento de Ciências Sociais da Ecole Normale Supérieure, Paris (DCS/ENS)
Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris (EHESS)
Centre de Recherches sur le Brésil Contemporain (CRBC)
Centre de Sociologie Européenne (CSE)

Pesquisadores *Researches*
Afrânio Garcia Jr. – EHESS/CBRC
Alexandra Barbosa da Silva – UFRJ/MN/PPGAS
Benoît de L'Estoile – ENS/DCS
Charlotte Castelnaud-L'Estoile – Universidade de Nanterre
Christian Baudelot – ENS/DCS
Claire Zalc – ENS/DCS
Cláudio Pinheiro – UFRJ/MN/PPGAS
David Fajolles – ENS/DCS
Delphine Serre – ENS/DCS
Diana Antonaz – UFRJ/MN/PPGAS
Duda Costa – UFRJ
Frédéric Viguié – ENS/DCS
Hernán Gómez – UFRJ/MN/PPGAS
Isabelle Coutant – ENS/DCS
Jean-Claude Combessie – CSE, Universidade de Paris VIII
Gautié – ENS/DCS
João Paulo Castro – UFRJ/MN/PPGAS
Jorge Pantaléon – UFRJ/MN/PPGAS
José Gabriel Correa – UFRJ/MN/PPGAS
Liliane Bernardo – ENS/DCS
Lygia Sigaud – UFRJ/MN/PPGAS

Marcelo Ernandez – UERJ
Marcelo Rosa – UFRJ/MN/PPGAS e IUPERJ
Marie Gaille – ENS/DCS
Richard Braga – UFRJ/MN/PPGAS
Sergio A. Chamorro Smircic – UFRJ/MN/PPGAS
Thereza Menezes – UFRJ/MN/PPGA

Apoio financeiro *Financial support*
Fundação Ford
Finep
Faperj
Fundação Universitária José Bonifácio
CNPq
Acordo Capes-Cofecub
Fundação ENS
Ministério das Relações Exteriores da França

EXPOSIÇÃO *EXIBITION*

Concepção do roteiro da exposição e seleção de depoimentos *Exhibition's script and selection of the statements*
David Fajolles – ENS/DCS
Diana Antonaz – UFRJ/MN/PPGAS
Hernán Gómez – UFRJ/MN/PPGAS
Lygia Sigaud – UFRJ/MN/PPGAS
Marcelo Ernandez – UERJ
Marcelo Rosa – UFRJ/MN/PPGAS e IUPERJ
Sergio A. Chamorro Smircic – UFRJ/MN/PPGAS
Thereza Menezes – UFRJ/MN/PPGAS

Edição dos depoimentos
Editing of the statements
Diana Antonaz

Redação de textos *Texts*
Lygia Sigaud

Revisão de textos *Revision of the texts*
Alexandre Caroli Rocha
Rosalinda Gouveia

Coordenação *Coordination*
Mercedes Viegas
Mariana Palmeira

Produção executiva
Executive production
Suely Weller

Fotos *Photos*
André Weller
Antônio Melcop
Benoît de L'Estoile
Beto Felício
Frédéric Viguié
Marie Gaille
Sergio A. Chamorro Smircic

Design gráfico *Graphic design*
Sônia Barreto / Tecnopop
Marcelo Pereira / Tecnopop
Mate Lelo / Tecnopop

Produção de design gráfico
Graphic design production
Carolina Bordallo / Tecnopop

Design de montagem e arquitetura
Architectural and assemblage design
Flávia de Faria / Diplodocus

Iluminação *Lighting*
Marcelo Guru Duarte

Trilha sonora *Soundtrack*
Paulo Vivacqua

Trilha adicional *Additional soundtrack*
Jonas Sá

Design de som *Sound technician*
Bartolo
André Weller

Cenotécnico Scenery technician

Irlan Nery / Cena Aberta

Impressão digital Image layout

Studio Oficina

Recorte e aplicação de textos Text layout

Profissinal

Pré-produção Pre-production

Fernanda Junqueira

Contabilidade Accounting

Afonso Santoro

Assistente de produção Production assistant

Flávia Pamplona

Estagiários de design gráfico**Graphic design trainees**

Bruno Monnerat / Tecnopop

Julia Lugon / Tecnopop

Estagiário de arquitetura**Architecture trainee**

Pedro Évora / Diplodocus

Monitores Monitors

Alice Belford Moren

Ana Luísa Mello Nascimento

Daniel de Freitas Lopes

Fábio Alves

Gilda Moreira Santos

Giovana Xavier da Silva Côrtes

Isabel Junqueira

Isabel Palmeira

João Carlos Moreira

Manuela Monarcha

Mariana Marasca Murad Silveira

Marcelo D'Almeida

Pedro Villela

Pedro Quental

Vitor Hugo Cavalcante de Frias

Wilde Itaborahy Ferreira

Rodrigo Coutinho R. Murad

Juliana T. Pereira

ANIMAÇÃO ANIMATED MOVIE**"CANÁ-DE-AÇÚCAR: ORIGEM E EVOLUÇÃO EM POESIA"**

a partir do poema de *from the poem by*

Biu da Luz

Direção e roteiro Direction and script

André Weller

Animação Animation

Marcelo Pereira / Tecnopop

Edição Editing

Bruno Vianna

Repentistas Repent singers

Francisco Bezerra

Natan Rocha

Produção do repente Repente production

Leleó

Animação feita a partir de fotos de**Animation from pictures by**

Alexandre Barbosa da Silva

Antonio Melcop

Benoît de L'Estoile

Sergio A. Chamorro Smircic

Imagens da animação cedidas pela Fundação

Joaquim Nabuco. *Animation images provided*

by Fundação Joaquim Nabuco.

Fotos do catálogo do Museu do Homem do

Nordeste reproduzidas por Rômulo Fialdini.

Photos from the catalog of the Museu do

Homem do Nordeste reproduced by Romulo

Fialdini.

VIDEO VIDEO**"MAMUCABA, A ESPERA"**

de *by* David Fajolles

Tratamento de áudio Audio handling

André Monteiro

Imagens captadas em setembro e dezembro

de 1999. *Images filmed in September and*

December 1999.

VÍDEO VIDEO**"DESPEJO"****Edição Editing**

André Weller

Vinicius Michelli

Apoio equipe Museu Nacional**Support to the exhibition's assemblage**

Wagner, Thereza, Ricarte, Paula, Pedrosa e

demais funcionários *other employees*

Apoio Secretaria PPGAS**Support from PPGAS' Office**

Tânia, Rosa, Anderson, Luís Cláudio, Paulo,

Rita, Marcelo

Apoio Biblioteca PPGAS**Support from PPGAS' Library**

Izabel, Cristina, Carla

CATÁLOGO CATALOGUE

Publicado com o apoio da Faperj.

Published with the support of Faperj.

**Direção de arte Art direction**

André Weller

Sônia Barreto / Tecnopop

Design gráfico Graphic design

Eduardo Pacheco / Tecnopop

Estagiária de design gráfico**Graphic design trainee**

Luise Krause / Tecnopop

Edição de textos Texts

Lygia Sigaud

Revisão de textos Revision of the texts

Itala Maduell

Tradução para o inglês English version

John Comerford

Thad Blanchette

Fotolito Color separation

Rainer

Impressão e acabamento Printing and binding

Ultraset

Fotos Photos

André Weller (contracapa *backcover*; página *page* 23)

Antônio Melcop (páginas *pages* 16, 20, 38, 42, 54, 66, 88, 90, 91)

Benoît de L'Estoile (páginas *pages* 12, 64, 70, 71)

Sergio A. Chamorro Smircic (capa *cover*; páginas *pages* 3, 4, 7, 12, 24, 26, 36, 52, 60, 61, 63, 77, 78, 79)

Fotos da exposição Exhibition's photos

Beto Felício (páginas *pages* 1, 4, 6, 7, 13, 16, 20, 38, 42, 44, 51, 58, 64, 74, 76, 88, 90, 91)

Imagens de vídeo cedidas pelo MST.

Video images provided byt the MST.

www.lonasebandeiras.com.br

Este livro foi diagramado em Quark Xpress 4.0 utilizando a família tipográfica Trade Gothic. O miolo foi impresso em papel couché matt 120 g/m² e offset 90 g/m². A capa foi impressa em cartão Supremo 300 g/m². Fitolitos gerados pela Rainer. A Ultraset imprimiu e encadernou a tiragem de 1000 exemplares no verão de 2002/2003, na cidade do Rio de Janeiro.

This book was designed in Quark Xpress 4.0 using the Trade Gothic typeface family. Inside pages were printed on couché matt paper 120 g/m² and offset paper 90 g/m². Cover printed on Supremo card 300 g/m². Color separation by Rainer. Ultraset printed and bound a set of 1000 copies during the summer of 2002/2003, in Rio de Janeiro.



Realização e apoio

Design



FORD FOUNDATION



LEI DE INCENTIVO
À CULTURA

MINISTÉRIO
DA CULTURA



Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro



Fundação Universitária
José Bonifácio



Liberté • Égalité • Fraternité
RÉPUBLIQUE FRANÇAISE

CONSEIL GÉNÉRAL DE FRANCE
À RIO DE JANEIRO

